

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

# Os Mellos

Jagunços e Potentados no Sertão do São Francisco



*F. Orabbe  
Foto*

*A partida  
São Franço*

**UNGALA**  
EDITORA

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

# Os Mellos

Jagunços e Potentados no Sertão do São Francisco



*F. Orabbe  
Foto*

*A partida  
São Franço*

© 2024 - Editora Unigala

Copyright © Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

O texto encontra-se de acordo com a ortografia utilizada nos originais do autor.

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)  
editoraunigala@gmail.com

### **Organização**

Ramiro Esdras Carneiro Batista  
Pedro Borges Pimenta Júnior

### **Capa**

Foto/Montagem Ramiro Esdras Carneiro Batista

### **Revisão**

Os organizadores

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração:** Resiane Paula da Silveira

### **Conselho Editorial**

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP  
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF  
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR  
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC  
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS  
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP  
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL  
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB  
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE  
Me. Kleber Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA  
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional  
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Os Mellos: Jagunços e Potentados no Sertão do São Francisco  
B333o / Ramiro Esdras Carneiro Batista; Pedro Borges Pimenta Júnior  
(organizadores). – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 124 p. :  
il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-37-0

DOI: 10.29327/5416258

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Os Mellos. 3. Jagunços e  
Potentados. 4. Sertão do São Francisco I. Batista, Ramiro Esdras  
Carneiro. II. Pimenta Júnior, Pedro Borges. III. Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam  
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins  
comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)

[editoraunigala@gmail.com](mailto:editoraunigala@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/08/os-mellos-jaguncos-e-potentados-no.html>



Os Mellos: Jagunços e Potentados no Sertão do São Francisco



Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

# Os Mellos

Jagunços e Potentados no Sertão do São Francisco

*Prefácio de Bertholdo Van der Mee*

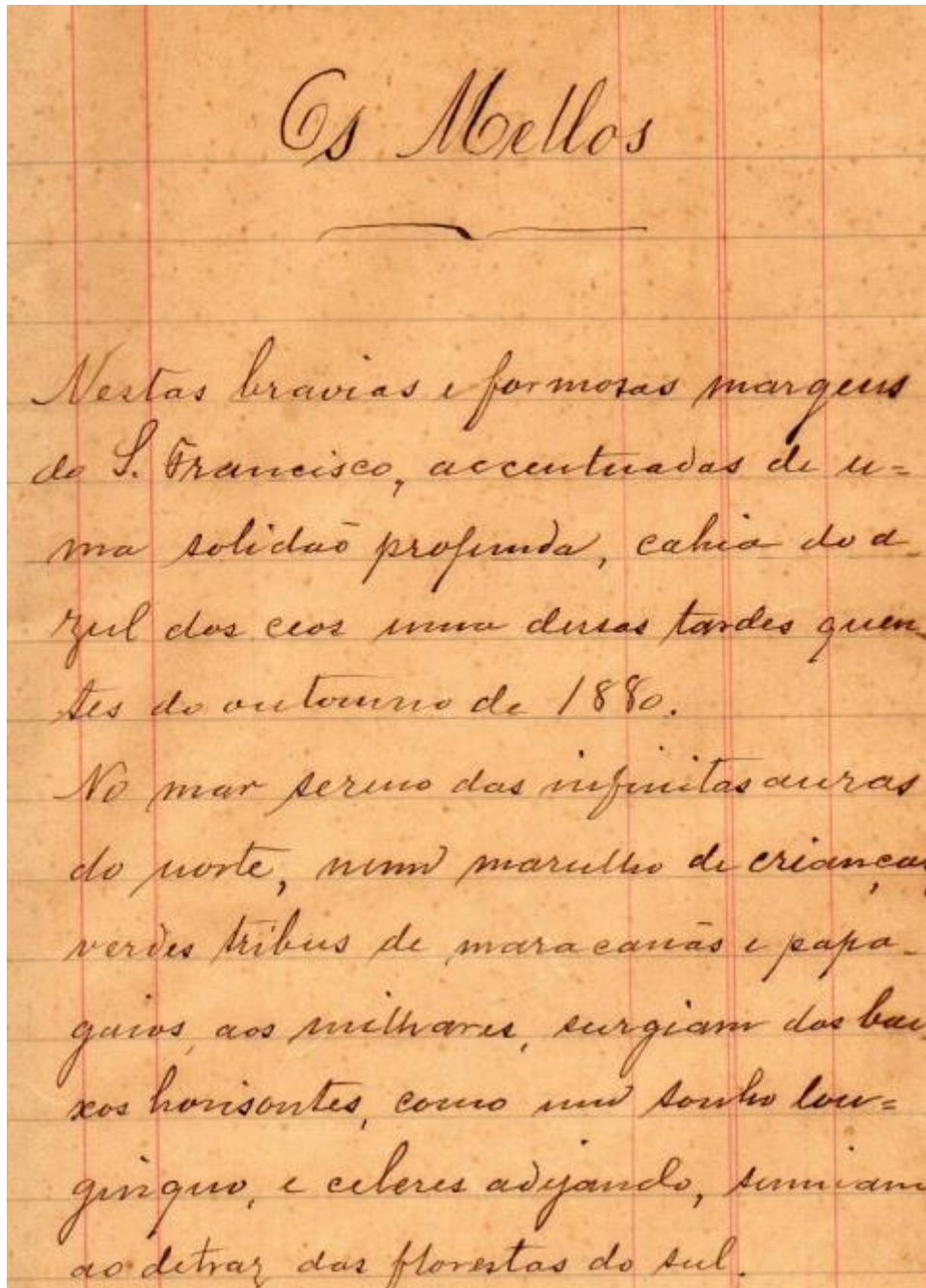
[Romance]  
3ª edição  
Revista e atualizada

*Ao Dr. Hermenegildo de Barros.*

*Dedicado a velha amizade.*

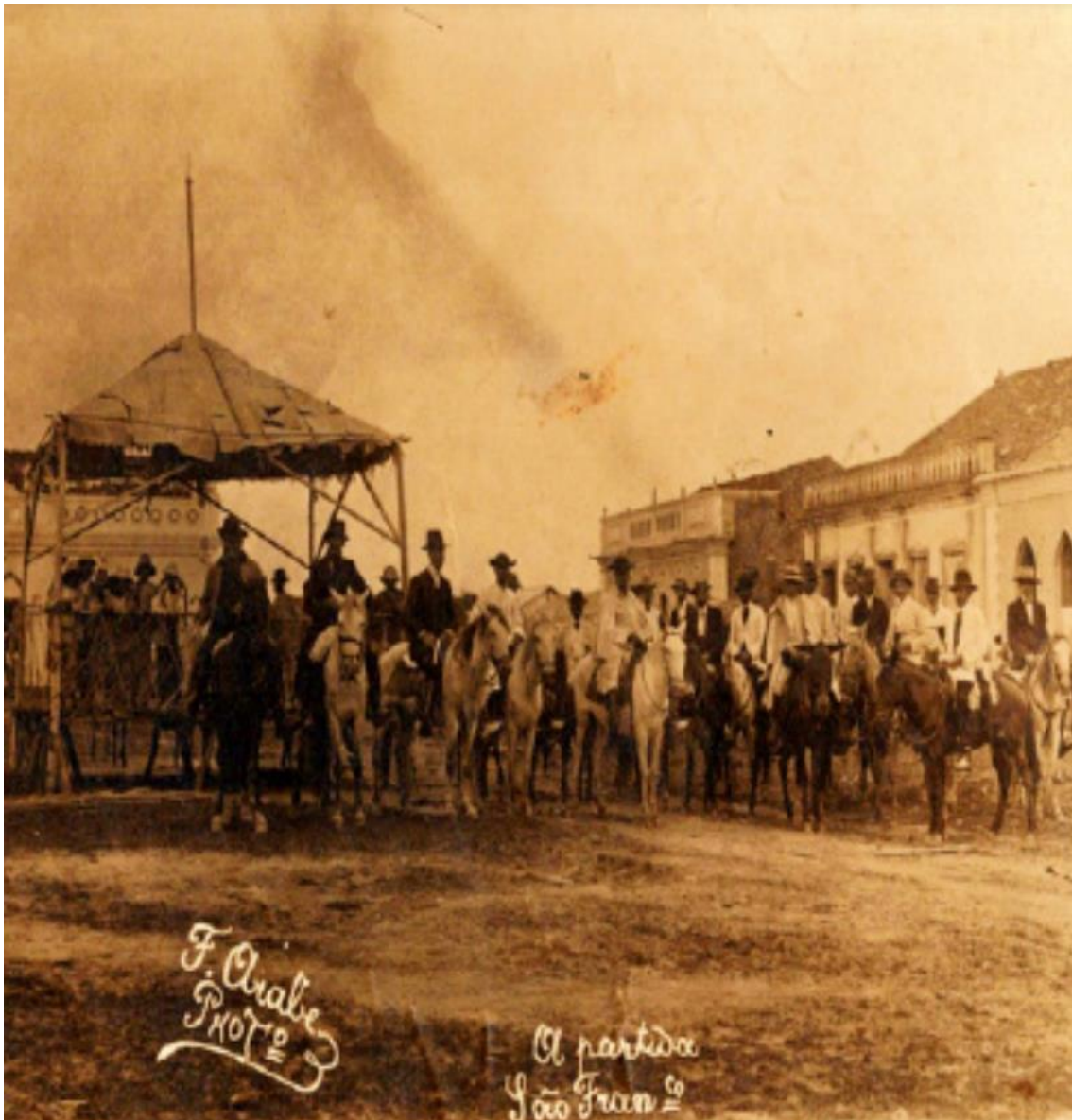
***“Tem horas, mais antigas, que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data.”***

*(João Guimarães Rosa)*



Fax-simile da primeira página do manuscrito do "auctor".





Fotografia não datada, encontrada junto aos manuscritos do autor – executada por “Photo Arabe” – que registra a presença de uma tropa montada saindo do município de São Francisco/MG. É possível que um ou mais membros da família Mello esteja entre os fotografados. A imagem trata de provável colaboração de pesquisa entre o Padre Bertholdo e Manoel Ambrósio. Sobre o assunto, consultar prefácio da primeira edição.

## Sumário

Prefácio (primeira edição) .....	12
Apresentação .....	14
Prefácio à segunda edição .....	17
Nota editorial .....	19
Capítulo I .....	21
Capítulo II .....	23
Capítulo III .....	25
Capítulo IV .....	28
Capítulo V .....	33
Capítulo VI .....	37
Capítulo VII .....	40
Capítulo VIII .....	43
Capítulo IX .....	45
Capítulo X .....	47
Capítulo XI .....	51
Capítulo XII .....	54
Capítulo XIII .....	56
Capítulo XIV.....	61
Capítulo XV.....	63
Capítulo XVI.....	65
Capítulo XVII.....	67
Capítulo XVIII .....	70
Capítulo XIX .....	77
Capítulo XX .....	79
Capítulo XXI .....	81
Capítulo XXII .....	85
Capítulo XXIII .....	87
Capítulo XXIV .....	89
Capítulo XXV .....	93
Capítulo XXVI .....	98

Capítulo XXVII .....	103
Capítulo XXVIII .....	106
Capítulo XXIX .....	109
Pós-facio: Padre com alma de poeta.....	111
O autor e sua obra .....	119

## Prefácio

(para a primeira edição)

**C**resce assustadoramente o universo de pseudo-sertanistas, que, commodamente installados em seus apartamentos luxuosos nas capitais brasileiras, procuram envenenar a literatura contemporânea com histórias inverossímeis, produtos de uma imaginação doentia.

Estes fabricantes de novelas, em vez de se basearem em realidades históricas experimentadas, se contentam em reproduzir boatos e conversinhas, lendas e ideias errôneas, tão distantes da verdade como elles do sertão.

Infelizmente são bem poucos os Halfeld e os Euclides da Cunha. Com tudo isto o sertão continua esquecido, ignorado, distante e inalcançável para grande maioria do povo brasileiro. O sertão é o grande desconhecido dentro dos limites da própria terra brasileira.

É assim que o presente autor auspícia excepção honrosa entre os taes sertanistas, novelista notável, não só pelo vigor de sua penna fertilíssima, mas, mais ainda em virtude de suas pesquisas rigorosas, o Sr. Manoel Ambrósio – Brasil do Valle – é um sertanista genuino.

Nascido e criado nestas plagas sertanejas, passara sua vida longeva no meio do seu povo, conheceo suas lendas e historias, ouvio-lhes as façanhas e bravatas e seus espírito de investigador aproximou-o bem perto da tenacidade histórica dos fatos narrados.

“Brasil do Valle”, eis o pseudônimo sugestivo deste sertanista. O Brasil do vale é o Brasil das margens formosas do São Francisco, pois é no vale deste poderoso caudal brasileiro que se desenrolaram os fatos desta novela histórica.

Nesta cidade de São Romão onde há mais de três annos exerço minha função de sacerdote há ainda numerosas pessoas que conheceram a família dos Melos e foram testemunhas quase oculares dos fatos occorridos. São outras tantas provas da veracidade desta narração.

Procurei ilustrar o presente oferecendo algumas fotografias de São Romão e São Francisco, carrasco e município que foram o teatro da scena constante deste drama sertanejo. Que o presente faça conhecer ao leitor brasileiro o Sertão Sãofranciscano tal qual era houtrem e que desperte um interesse mais vivo pelo “grande desconhecido” do presente, dando ao mesmo tempo ao autor benemérito o logar que merece entre os sertanistas brasileiros.

São os mais votos mais sinceros de

Pe. Frei *Bertholdo van der Mee*.

O Carmelita.

São Romão, Minas.

9 de janeiro de 1941.

## Apresentação

*Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o  
pensamento da gente se forma mais  
forte do que o poder do lugar.  
Viver é muito perigoso...*

*(João Guimarães Rosa)*

**P**ara norte-mineiros menos atentos, talvez seja indispensável apresentar a figura do intelectual januarense Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. Trata-se, antes de tudo, de um homem de letras, absolutamente versátil: professor, jornalista, folclorista, poeta, historiador e romancista – à moda holística dos sábios antigos, que viveu e produziu vasta obra histórica e literária no sertão do alto-médio São Francisco, entre o fim do século XIX e a primeira metade do período novecentista.

Conforme pontua Francisco de Vasconcellos<sup>1</sup> em publicação de 1974, os romances *Hercília*, *Os Laras* e *A Ermida do Planalto*, são parte da própria obra com a qual o autor mais se realizou publicamente, faltando para compor o quadrilho a publicação de *Os Mellos*, que só agora, em mais uma homenagem póstuma, vem a lume. Os Mellos compõem uma série de textos que poderíamos chamar de romance histórico, mas Ambrósio-pai classificava como “novella regional”. Como na maior parte dos constructos do universo ambrosiano, pode-se postular que os arcaísmos particulares são parte do efeito que o autor propõe ao texto, ressignificando na escrita, os jogos de oralidade das gentes sanfranciscanas. Antes de se constituir, portanto, em simples recurso estilístico, é de se crer que o franco uso da linguagem autóctone é uma técnica de que se utilizam a maioria dos escritores regionalistas. Isso para dizer que a ortografia, o léxico e a riquíssima variação fonética que salta do texto, não pode e não deve ser adaptada, sob pena de descaracterizar o múnus literário e, conseqüentemente, o efeito dramático e particular da obra.

---

<sup>1</sup> “O Folclorista Manoel Ambrósio” foi publicado em 1974 pelo Instituto Cultural do Cariri. Nele, Vasconcellos realiza uma das mais completas sínteses sobre a biografia e obra de Ambrósio-pai. É nessa oportunidade que o biógrafo chama nossa atenção para o ineditismo de *Os Mellos*, que naquele momento “jazia no egoísmo do manuscrito”.

Também é necessário esclarecer que algumas dúvidas sobre a construção, a linearidade e o significado de palavras e expressões idiomáticas utilizadas pelo autor – aqui transcritas de seus manuscritos originais datados de 1932 – talvez nunca sejam completamente equacionadas ou resolvidas. O que importa pouco, visto que o lirismo aliado à densa descrição ambrosiana torna menores estas questões.

*Os Mellos* se alinha ao *Os Laras*, no sentido de que descreve ou retrata o feudalismo tardio que imperou entre o norte de Minas e o sul da Bahia, no decorrer de todo o século XIX até os meados do XX. Lugares em que nos apontamentos de Alberto da Costa e Silva<sup>2</sup> encontravam-se “[a] s desmesuradas terras sem lei do interior do Brasil, onde mandavam a audácia e a coragem”. Manoel Ambrósio trata, então, nesta obra, de um recorte histórico, geográfico e sociológico muito próximo ao que foi imortalizado na obra de João Guimarães Rosa, sobretudo em *Grande Sertão Veredas*.

Talvez seja desnecessário dizer, mas diremos assim mesmo: a descrição da cultura da jagunçagem e dos fazeres vaqueanos constantes do universo ambrosiano precedem em muitas décadas a mesma descrição constante no universo rosiano, o que situa nosso velho-sábio na vanguarda literária de seu tempo.

Neste livro prevalece a lógica de imensos territórios controlados por poucos fazendeiros, ainda vestidos de idade média, que exercem a ordem ao arrepio das novas leis republicanas, estribando sua força política em vínculos de parentesco, rifles, bacamartes, jagunçagem e “valentões a serviço”. São os mineiros tardios, herdeiros de uma organização fundiária patriarcal que remonta ao tempo das bandeiras paulistas, sertão adentro.

Aires da Mata Machado Filho<sup>3</sup>, em elegia ao mestre Ambrósio, ressalta a maneira peculiar com que alguns escritores tratam dos temas sertanejos, afirmando ser mais coerente “[...] [c]om a formação mineira manter o seu critério de fidelidade à sintaxe tradicional, aproveitando dos aspectos regionais, além da

---

<sup>2</sup> Conforme “Estas Primeiras Estórias” (Silva, 2005, p. 10).

<sup>3</sup> Conforme seu artigo “Um Estudioso do Interior”, publicado em “O Diário” de 22 de agosto de 1948.

paisagem, os costumes locais e a posição do homem perante a realidade”. Ambrósio também demonstra seu vínculo com a produção literária oitocentista quando faz breve referência à ilha dos *Guahibas* de São Romão, bem como ao antigo território dos Araxás das contendas, congruente com as cenas de fundação do país que reificam o lugar da pessoa e dos coletivos indígenas como aqueles que “[s]ão anteriores ao Brasil”<sup>4</sup>. Deste modo, temos aqui mais um exemplar da melhor tradição literária interiorana, lembrada por Aires da Mata e consubstanciada nos escritos do Professor Manoel Ambrósio em rico material de pesquisa e reflexão para linguistas, sociólogos, geógrafos e historiadores.

Com mais uma licença do João-Rosa, pedimos ao leitor que tolere, pois isto é o Sertão!

Ramiro Esdras Carneiro Batista  
Sertão do Tocantins,  
Setembro de 2018.

---

<sup>4</sup> Sobre o assunto, consultar João Pacheco de Oliveira (2016, p. 47).



## Prefácio à Segunda Edição

**N**os alfarrábios do velho mestre Manoel Ambrósio, em cadernos amarelados, descansam romances, poesias e peças teatrais. Outros pequenos cadernos de anotações traçam rascunhos de uma vida inteira dedicada às letras. É comum, entre esses, títulos que se repetem qual uma trilogia. Um olhar mais acurado e a difícil leitura de uma escrita ora ansiosa ora desenhada propositadamente, revela um estilo perfeccionista de quem escreveu e reescreveu o mesmo texto e ainda o faria em vista de mais oportunidades.

Assim encontramos *Os Mellos*. Um primeiro caderno que lapidou nossa decisão de compor um quadrilho, unindo essa novela regional à *Hercília*, *Os Laras* e *A Ermida do Planalto*. Um segundo caderno descoberto e, novamente, o assombro e uma pergunta: seria a mesma novela? Anotações esparsas em dois cadernos distintos que desenhavam um projeto certamente inacabado, embora o desenlace esteja presente nos manuscritos originais.

E novamente nos dedicamos, à semelhança de Francisco de Vasconcellos, “a decifrar a letrinha miúda, nervosa e desigual” na intenção de perceber diferenças redacionais entre um e outro manuscrito. Diante desse labor, às demonstrações de cansaço, ouvíamos o mestre sussurrar, como meus antepassados corjesuenses: isso sai nas urinas!

No sertão das gerais, entre bacamartes e facões, *Os Mellos*, em 1932 e *Antônio Dó – O Bandoleiro das Barrancas*, em 1939, retratam o sertão do cangaço. Não obstante o caráter ficcional das duas obras, é impossível não enxergar na narrativa de *Os Mellos*, os personagens da história real do bandoleiro Antônio Dó.

Guimarães Rosa tinha por hábito deixar na gaveta um livro terminado para que esse pudesse descansar, qual massa de bolo, para depois relê-lo. Talvez os manuscritos de Manoel Ambrósio já tenham descansado por demais e estejam,

agora, prontos para serem publicados, lidos, discutidos, confrontados como agora nesta segunda edição.

Roselles Magalhães Felício,

Sertão do São Francisco,

Primavera da 2019.

## Nota editorial:

**A** Presente edição de *Os Mellos – jagunços e potentados no sertão do São Francisco* acaba de ser revista e atualizada, estando a ela acrescida um prefácio da década de 1940, de autoria do frade carmelita Bertholdo Van der Mee, e só recentemente encontrado, além de um capítulo perdido da obra (o de número VI, considerando a atual contagem).

Para além dos novos vestígios incorporados ao texto, fez-se necessária uma nova edição a fim de compor o acervo digital da obra ambrosiana, ora disponibilizada com acesso gratuito na rede internacional de computadores. O valor e aderência dessa obra a uma escola literária é tarefa futura para críticos abalizados.

A presente edição insere-se no escopo de investigações partilhadas entre pesquisadores/as de diferentes origens, no momento vinculados/as às seguintes instituições de ensino: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Com esse esforço é mister dizer que a produção intelectual de Manoel Ambrósio é um grito das margens da fronteira, ao qual não se pode fazer ouvidos moucos, porque o Sertão vem e volta, ele está em toda parte.

Médio São Francisco,  
junho de 2024.



## CAPÍTULO I

**N**estas bravias e formosas margens do São Francisco, accentuadas de uma solidão profunda, cahia do azul dos ceos umas dessas tardes quentes do outonno de 18...

No mar sereno das infinitas auras do norte, num marulho de crianças, verdes tribus de maracanãs e papagaios, aos milhares, surgiam dos baixos horizontes, como num sonho longínquo; e, celeres adejando, sumiram ao detraz das florestas do sul.

Bandos de pombas pardas volteavam no espaço e pousavam ariscas nos altos espinheiros, em melodiosos arrulhos.

No extremo frontal da matta virgem, gigantes troncos mortos de páos-d'arco, negros, se cobriam de alvas garças, chegando das lagôas.

Patos sylvestres, jaburús e colhereiros com as envergaduras de suas azas, rumavam para outras plagas distanciadas.

Dentro do Rio nem um pé de vento, ou mais leve aragem crispava a superficie das aguas, descendo mansas, socegadas, reflectindo no fundo toda a miragem da selva ribeirinha e o azul do ceo.

Na margem esquerda, a comprida ilha dos Guaihybas de São Romão, avançando para o canal, estendia-se, qual se adormecida no seio da natureza.

A soalheira escaldante esmorecia aos poucos, nesse andar da tarde, sem um ecco, uma voz, um sussurro ou rumor perto ou longe, quebrando a monotonia das duas plagas.

De repente como num presagio de cousa ruim, uma formidavel descarga estrondara, pouco retirado da margem direita.

Minutos decorridos, vio-se um homem, ás carreiras, descer á praia alem, tomar uma canôa e rumar para a Villa, e nella chegando, espalhar o terror-pânico, o perigo eminente do cangaço – os Mellos!

## CAPÍTULO II

**O** fazendeiro – João do Arrozal, barbaramente assassinado, quando a caminho de São Romão, quasi alcançando as barrancas do Rio!

Povo amotinado!

Autoridades e mais pessoas de destaque dirigem ao local; mas, a victima havia desaparecido.

O areial da estrada, de fresco tinto de sangue indicava dentre outros, de transeuntes e animaes as pegadas de um cavallo, voltando á toda a desparada.

Desencontradas as opiniões; mas o facto real: um crime perpetrado!

Seria mesmo o João do Arrozal?

O canoeiro que se achava presente assim o confirmava.

Vindo de sua roça, não muito distante, vira, não só o João, como alguns filhos do Mello empunhando armas, após o acontecimento.

Nessa incerteza, alguém entrára descabido:

— Não seria o Mello, pae?

Susurrando, responderam diversos:

— Não, não! Desde hontem que se acha hospedado na villa em casa de sua irmã Dona Belisaria; e portanto, não pode ser.

— É verdade, acodio o delegado de policia; Tambem eu o vi, ha bem poucas horas, Está claro que não é.

Um outro atalhou loquaz:

— Ora, Senhor Delegado, quem sabe lá? Pelo menos alguns dos filhos foram vistos no ataque. Isto, ao que parece, tem areia.

— Esta bem, é assim mesmo e nada mais; bom esperarmos os resultados.

O João do Arrozal é pessoa distinta; e, se não morreu, certamente hade esclarecer-nos da melhor forma. Concluo a auctoridade.

E naquella mesma tarde voltavam todos á villa para as providencias que o caso requeria.

Decorridos dias, outras noticias mais graves:

— Um irmão do Arrozal cahiu em uma emboscada, picado a facão, assim como dois vaqueiros dos Mellos, também assassinados.

Que vários fazendeiros da margem opposta achavam-se, e com razão, alarmados, ajuntando gente para a defeza de suas vidas, seus rebanhos e propriedades.



### CAPÍTULO III

**C**inco leguas a dentro ao sopé das terras altas dos araxás de Contendas, não muito longe de Paracatú de seis-dedos, estava a fazenda do Bority do Meio, bem como situações diversas: Tapera, Arrozal, Borityzinho, Covoanca e outras.

Bority do Meio era residencia de Henrique de Mello, afamado criador, muito rico, homem claro, de setenta annos de idade, pequena estatura, cheio de corpo, musculatura de aço de rija tempera, adquirida na labuta do campo, á lutar vigorosamente com os touros bravos, outros domesticos e domesticaveis.

Natural de São Romão, pertencia ao tronco da antiga familia dos conquistadores-bandeirantes do XVII seculo.

Por herança de seus maiores, cedo se estabelecera com familia em Bority e no decurso do tempo prosperava com o commercio de boiadas vultuosas para o sul de Minas.

Adquerio, por isto, alguma fortuna, e á sombra desta o respectivo prestígio.

Até 1880 toda a família se resumia em seus filhos varões, uma filha e um rapaz de nome Donato, seu sobrinho e afillhado, criado desde tenra idade.

Filhos: Quintino, Rodrigo, Antonio, Lucilio, Domingos, Isalto e Anna Maria. Quintino e Antonio – gemeos. Sua mulher: Maria, ou Mariasinha por diminutivo de família, tinha uns vinte annos de menos do que o esposo.

Agrestemente passára no Bority toda essa mocidade do casal sem mais outras aspirações.

– Viviam felizes?

– Sim; enquanto pelos sulcos gottejava o orvalho na ceara descuidada, onde repontava de sempre insidiosa a colheita negativa dos cardos na sementeira.

O confronto verdadeiro, longe do qual anda a suspirar meio mundo da humanidade, avida e de beijos retorcidos pela inveja, pertence ás almas simples e mansas que se contentam com o pouco.

A casa era abastada; e na abastança se criaram os filhos, animados pelos paes, rudes e selvagens, por isto mesmo, orgulhosos, autoritarios, presumpçosos; assim se mostraram em plena puberdade, sem mais cousa alguma, digna de menção.

Vivendo da industria pastoril, acompanharam por varias vezes o pae aos mercados, tomando conta dos labores vaqueanos.

A lavoura para custeio estava a cargo dos aggregados seus, não pagando rendas avultadas, podendo dizer-se quasi inexistente.

Essa mocidade, desprovida de toda e qualquer instrucção e á sombra rustica do dinheiro, não ia alem de hum certo circulo social roceiro, degenerado pela bebedeira, jogatina, sambas e lambanças nos povoados.

Bem apessoados e pedantes, esses rapazes esbanjavam na devassidão não pequenas economias, para cujo boraco ja não iam bastando as boiadas annualmente vendidas e do mesmo modo desaparecidas, arejando a fazenda.

Emquanto o pae estivera gerindo, tudo andava bem; mas, envelhecendo e sentindo-se cansado, associára-se aos filhos, tudo entregando-lhes.

No começo, optimos resultados; e o Mello alegrava-se, cheio de confiança.

Adorava-os com uma complacencia absoluta.

Quando avisado de algumas falcatruas, costumava dizer:

— Herdaram e nada devem, portanto; tambem fui assim.

Emquanto isso, prejuizos serios de vez em vez acarretavam avultados deficits e não menos desgostos para ao velho pae.

Uma ruína certa esvoaçava em torno e elles pretenderam arrendal-a.

E de que modo então?

Um vicio nunca está só!

Perdularios e endividados, resolveram á expedientes menos dignos.

Varios rumores de queixas de fazendeiros e agricultores começaram, desde então a circular: furtos de gados de modo mysterioso!

Apezar do desbragamento conhecido, as suspeitas eram velladas ainda por uma sombra de credulo respeito; mas, o caminho da perdição alarmava os espiritos.

Pelos mercados do sul annunciára-se uma alta de preços, e os criadores sertanejos andavam numa azafama de aproveitar a alviçareira quadra.

Afim de evitar prejuizos, os campos eram cuidadosamente vigiados.

Os Mellos preparavam-se para levantar uma boiada enorme com os recursos de que dispunham, aumentando-a com avultadas compras.

Grandes e pequenos criadores se uniram cautelosos, espalhando gente armada, batendo logradores e malhadas.

E... inutilmente, que o furto caminhava desassombrado, ora aqui, ora alli, desorientando toda a precaução e vigilância.

## CAPÍTULO IV

**N**ão longe do Bority, ficava o sítio, chamado – Arrozal – onde residia um distinto lavrador de nome João – a quem o povo simplesmente chamava e era geralmente conhecido por – João do Arrozal.

Laborioso e prospero, apontado como um exemplo de probidade. Gozava o João de uma estima muito justa, falado o seu nome dentro e fóra dos Geraes.

Popular, sua casinha de homem independente e hospitaleiro andava sempre cheia, aberta para todos.

Moço, agil, robusto e resoluto desafiava a preguiça.

Ajudado da esposa, mantinha decentemente o lar, criando os filhinhos a seu exemplo, muito bem relacionado entre seus irmãos e parentes que o cercavam.

Naquelas redondezas, por isto mesmo, so se attendia a João do Arrozal.

Essa athmosphera criava invejas, e entre os invejosos estavam os Mellos, esquecidos em suas prosperidades, cobiçosos das lavouras do João, embora relativamente pequenas para elles que dispunham de pannos para mangas.

Armaram-lhe ciladas muitas vezes de negociações vantajosas; e elle, sempre suspeito, desarmava-os com uma desculpa qualquer.

Sendo real e tentador o comercio de gados nessa epocha, nenhum criador mais em socego; cada qual tractou de aproveitar o tempo a mais que poude.

Turmas de compradores, aliás de açambarcadores arvorados em boiadeiros varejavam o sertão.

Um desses contracta com o Arrozal cerca de seis juntas de bois carreiros e mais burros.

João manda pegar os animaes. O vaqueiro bate o campo e não os encontra, nem mesmo atinar onde... Certos coixos da vizinhança despertam cuidados:

— Queira Deos, não estejam ahi nos dedos dos Mellos!...

João, homem de paz, não admittia o linguarejo, por vezes fraudulento do povinho que não procura o que fazer, avançando intrigas descabidas por meras supposições; nessas, jamais acreditáva.

— Fala-se! dizia; mas, eu é que não tenho razões, nem sobras de tempo para mexeriquices. Nunca me fizeram mal; se o meu vaqueiro não os encontra, é porque não os procura como deve.

E vêm um dia, vem outro, vem outro mais, e... nada!

E o contracto... de pé!

João, bastante contrariado, não se conteve e correu ao campo.

Trilhou veredas, esquadrinhou logradouros, malhadas e barreiros, voltando á casa sem ter resolvido cousa alguma.

Nem burros, nem bois!

Viera a noite, e quasi não dormira de atormentado.

Não havia duvida que os animaes mansos, da porta, tinham sido furtados.

Meditando muito, somente agora acodiam-lhe no espirito serias desconfianças; e decidira á uma cartada um pouco temeraria:

— Sondar a invernada dos Mellos.

Guardando em silencio o seu projecto, aballou-se com o vaqueiro na manhã seguinte ao romper da aurora.

Após algumas horas de viagem, em pleno ermo, os dois, até então, taciturnos, pararam um pouco.

— Franco, disse João, sabes onde vamos?

— Nhôr não.

— Pois, fique sabendo de já que vamos á Covoanca contornar a invernada dos Mellos. Tens coragem?

— Eu?... Cappou o gato! Porque não? Sempre este o meu desejo; mais, pramode os remove... . Era o que vancê haveria de tê feito a mais tempo. Todo mundo dis'que... mais porem, vancê não dá credico... e os ôtro é que stão comendo... vapporano tudo!

— Então, olho vivo! Se meus animaes estiverem presos, ai! dos Mellos!

— Nem percisa ôio vivo, praque in dêsdra muito que stou arruparano uns rasto de boi que passáro hai muitos dia por aqui.

— Em? Que estás dizendo, Franco?

— Eh! Vancê ispivita bem na macega...

João apeiára para certificar-se.

Realmente, por alli haviam transitado uns bois.

— Franco, so agora creio e quasi posso dizer que os meus animaes se encontram na invernada; não percamos de vista os rastros. Eu vinha de tal modo destrahido, que não dei por elles.

— E eu nem me dou o trabaio pra apiá, tão certo stou de sê rasto de boi e de carro!

João cavalgou de novo e os dois, mais esperançados, seguiam o escuso e ínvio roteiro, que, rumando para á invernada dessa se aproximava ou affastava, ora mais, ora menos, até que porfim, mergulhando-se em um num intrincado de floresta, quasi de todo desaparecera.

Não se desanimaram, porem; Franco, tommando a dianteira e rompendo a couraça do matto, sahira inesperadamente em uma trilha escabrosa, mas, bastante usada naquellas retiradas brenhas.

Nella, na terra dura, vermelha e porosa numerosos os rastros confundiam-se.

Fundas e renovadas suspeitas!

A trilha, depois de dar extensas voltas naquelles escuros e sombreados cafundós, seguiu linheira para o fundo da invernada, onde terminára.

— Apanhado na ratoeira! exclamára repentinamente Franco, apontando para um arbusto de matto. Um curral falso e acolá, os bois sondam uma passage do ladro por onde entraro...

João indignado, não podia conter-se.

— Que ladrões! Nunca acreditei em semelhantes misérias que eu mesmo estou testemunhando!

— Que moços desastrados! Forte desgraça! Forte desgraça! Assim é que é a riqueza e a pabulagem de vocês, eim?!...

— Está certo; mas, eu juro por esta luz que nos allumia, que estes vocês não comerão, ladrões!

Verdade crua e patente sem mais duvida!

A invernada, naquela parte, regorgitava de animaes cavalariço, muar e vaccum, confirmando a alardeada fortuna dos Mellos.

Realizadas as pesquisas os dois retrocederam.

João irritadíssimo ante aquelle attentado, criminoso, vinculado e impune, não medira mais consequências e afrontára o perigo.

Sem demora, ao chegar em casa, puzera em pratos limpos todo o ocorrido e armara gente para uma ação definitiva.

Dirigindo-se ao Bority cercára os casebres de dois vaqueiros dos Mellos, obrigando esses acompanhal-o até a invernada, cuja cancella trancada fizera voar em pedaços.

Alli, penetrando com sua gente e guiados pelos vaqueiros, directamente chegára ao fundo, e de lá um triumpho arrancára, não só os bois e assim os burros que la se achavam.

Varios outros animaes de pessôas que o acompanhavam, do mesmo modo descobertos e arrebatados.

Do vergonhoso caso, que defesa para os Mellos?

Muito applaudidas a façanha do João do Arrozal, e a noticia alarmára, voára sertão afóra.



## CAPÍTULO V

**T**udo isso ocorrera na ausência dos Mellos, em viagem de compras por zonas distantes.

Na ocasião so o velho pae se achava e não tentára reagir, embora, revoltadissimo com o autoritarismo, em parte justo, do Arrozal.

Patenteado o crime, desmoralizados e compromettidos os filhos, tardiamente pesavam os graves erros, resultantes de desvarios, alguns desses por elle reprovados.

Esse pae... é arrastado pela mesma onda de difamação.

— O Arrozal, dizia, está no direito de correr atraz do que lhe pertence; mas, não devia usar de tamanhas violências. Bastava que me falasse e eu mandaria restituir-lhe os animaes. Que necessidade havia de, despoticamente, espatifar a cancella e entrar sem minha licença na invernada?

Se possível que assim não procedam os meus filhos, eu, pela minha idade e posição mereço melhores considerações.

Ao que acodio Mariasinha; mulher de genio irascivel, alta, ossuda, má e terrível jararaca de cumpim, gesticulando, esperneando de odio:

— Ora, seu Mello, você é lá um homem? Já o foi em algum tempo; hoje não passa de um caduco.

— Commigo era mais fina - aquella garapa: um, dois, ou tres diabos desses ficavam espichados, comiam barro, como sem duvida; não havia meizinha! Engole-se a desfeita, porque sou mulher e meus filhos estão ausentes. Estivessem elles aqui, e esse Arrozal não seria gente, nem teria tapete para tanta audácia. Não vê!... Quem era elle!?!...

— Ah! meus filhos, seu Mello!

— Mas, você não deve metter-se com isto.

— O quê?... Tomára meus filhos já chegar!

— Não devo, nem quero vê-la nestas questões. Violento esse Arrozal! Deveria vir primeiro a mim, já disse, e não praticar o que praticou; não passa de um pé-rapado, catingueiro ruim, de baixa plebe, bruto!...

— Ruim só? De um cachorro e muito do atrevido. O que elle quer é fazer-nos passar por ladrões de gado na opinião de todos, mormente desses nossos pessimos vizinhos. Peste de uns pinguellos! que até tivessem entrado por descuido nessa boiada!

— Mas de duas – uma – vociferava amargamente D. Mariazinha, ou elle tem de mandar concertar a cancella que derribou, ou eu não serei mais Maria de Mello, nem morarei mais nesta terra.

— Ou nois ou elle! que vergonha, seu Mello! que vergonha! que desmoralisação! Desgraça!...

— Senhora D. Mariasinha, vae socegar, Vae socegar. Deixa as cousas commigo só. Sem a presença de meus filhos, nada resolvido! Eu tambem quero saber quem manda em minhas propriedades e em minha casa.

E os dois Mellos, comendo brazas, se debatendo num odio desesperado.

Nesse ínterim, chegam os filhos.

Sabedores do acontecido, os Mellos sentiam-se desmascarados e perdidos.

Entre elles estalla uma tormenta de despeito, de ameaças e terríveis vinganças.

De meio selvagens que eram, daquelle momento em deante transformaram-se em verdadeiras feras.

Custasse muito embora o que custasse, o Arrozal pagaria e bem caro, aquella desfeita.

Realmente quizeram atacar a casa do João; mas o pae os detivera.

— Nada de precipitação; mais devagar, temos tempo, prudência! Vocês todos são uns arrebatados.

— E com razão, meu pae! disse Quintino, o mais velho dos irmãos; o Senhor nunca engolio uma affronta igual e esta, e por isto, só depois de nós todos mortos...

— Sim! atalharam os outros á uma voz: só depois de mortos!

E Quintino continuou, aviltando uma mentira:

— Compramos, é verdade, umas rezes do João do Arrozal e mandamos os vaqueiros conduzil-as para a invernada. Se appareceram lá esses bois ou outros animaes (o que é muito natural em grandes boiadas), não temos culpa alguma de que, sem se pressentir da mistura seguissem no transporte, talvez.

— Serviços mal feitos dos vaqueiros: e do mais ignoramos.

— Fosse o que fosse isso não dava lugar para tamanhos desparates; bastava reclamar para ser attendido, e não usar de tanta brutalidade. O Arrozal não desfeitará mais homens!

— E os vaqueiros nossos, eim? interrompeu Domingos. Que corja de vagabundos! que canalhas! Porque não arrancaram as orelhas áquele cão, e se acobardaram para depressa correr, indo devassar a invernada?

— Taes os typos de confiança que possuímos! prosou Lucilio.

— Que desocupem nossas terras esses patifes! berrou o Isalto.

— Ah! É bom isto; e, quanto antes acabar-se com esses perigosos ratos de fazenda; concordou o velho Mello.

— Sim senhor, meu pae! tornou o Quintino: não só esses, assim como, os soberbos e valentões desta terra. Lasco-lhes fogo, como sem duvida!

— Muito bem, meu mano! pabulou Antonio; Será aquela bagaceira! Rua de valentes, pro cemitério.

— Já vocês estão com asneiras! Não percam as cabeças.

— Qual cabeça meu pae! atalhou Quintino, um pouco irritado. Antes perder a cabeça do que a vergonha terrível porque estamos passando.

— Isto, meu filho! trovejou novamente Dona Mariasinha; não serão vocês todos filhos de benção, enquanto não vingarem esta desfeita! Seu Mello não quer que se diga cousa alguma; tem medo do Arrozal. Hei de morrer mas falando: ou nós ou esse miserável e sem vergônya.

E um bate-bocca encrespado respingou entre filhos e paes todo o resto do dia e parte da noite em projectos de vinganças e meios de executal-os, com segurança. E decidio-se: Quintino, Domingos e Rodrigo seguiriam para o sul com a boiada, pois requeria pressa.

Nella escondia-se um enorme roubo por elles praticado ultimamente, e isto convinha antes que fosse descoberto, e portanto, reclamado.

Antonio e Lucilio permaneceriam em casa, a fim de dar começo e execução do plano: — ajustar contas com os dois vaqueiros; cortar as prôas ao João do Arrozal e seus jagunços, sem poupar os que se interferissem na questão.

Comeffeito, não tardou muito fossem chamados os vaqueiros e acremente admoestados, sem permissão de desculpas nem razões, e para sempre expulsos daquelas terras; por que, ao cahir da noite desse dia, ambos já não existiam; um, em uma emboscada e o outro, em seu próprio rancho no momento em que sua esposa dava luz á um filho.

## CAPÍTULO VI

**C**hamava-se Macario e estava de braços abertos á porta de sua choupana.

Havia chegado, ha pouco de rápida viagem pelos arredores, em busca de um velha e conhecida parteira – a mãe de filhos do logar para sua senhora.

No terreiro via-se ainda o cavallo magro e suado que descansava arquejando, amarrado ao moirão.

Momento afflictivo!

O parto ameaçava ser laborioso.

A dona estorcia-se de dores.

A parteira, assim entrára, sem demora tomou-a a seus cuidados.

– Como vae isto aqui, que é que já tem, Feliza?

– Que tenho, mãe Marçalina? Vancê vai vê. So stava isperano pru vancê. Stou nas mãos de Deos!...

– Nas mãos de Deos stamos todos nós deixa de esmorecimento, moça! Tenha fé, minha fia! Isto non vêm sê nada ainda. Deixa-me vê...

Seguiu-se o exame, e instantes depois, confirmava:

– Não stou dizeno? Non é nada. Stá tudo bem, déreitim!

Ao pé do leito assistia, muda e consternada a pequena Marcella de oito annos, muito triste, em sancta ignorância, com pena de sua mamãezinha, olhando para um lado e para outro. Não abria a bocca.

– Marcella, menina, disse a parteira; vae la fora depressa; panha a mão de pilão e corre os quato canto da casa; e apontou:

– Cumeça desse oitão daqui onde stá tua mãe, e grita bem arto. Oia bem! Pelos quat’o canto. Em cada canto você que é vige, você socca com força treis vês o chão, pedindo m’ eas alvista a Nossa Senhora do Parto; ô dispois, no outro canto a Santo Antônho; no outro São João e no outro a Senhora Sant’anna, dizem que tua mãe pario o sarvamento. Anda depressa, corre e não te esqueça de nada. Quat’o canto ouvio?

– Nos quat’o canto ni cada um peça: m’ easalvista e sacca treis pancada bem soccado, no chão. Uvio bem?

– Nharsim! Sacco treis pancadas no chão.

Sahio a criança a correr; e, apanhando a mão de pilão no terreiro, chegára ao primeiro ângulo indicado e gritára:

– Me’asalvista, m’ea Nossa Senhora do Parto! que mamãe pario o sarvamento!

E deu as três pancadas no chão, e deste modo repetindo, andou pelos outros ângulos. Macário, ainda na porta, acodira ás pressas a um chamado no quarto.

As dores da parturiente eram violentas.

Instantes após, aquella devoção do rituario das brenhas, ouviram-se os vagidos grossos de uma criança.

– Um home! meu amigo, Seu Macáro, exclamara a parteira.

O Macario rira-se de contente.

O cavallo relinchou la fora no terreiro, olhando para as moitas, entesourando as orelhas.

Deixando o quarto, voltára de novo á porta, nella, ja de costume abrindo os braços e olhando para o ceo alto onde se debuchavam algumas tintas violaceas do crepusculo.

Resava a oração da noite, quando ouvio-se um estrondo horrível de um bacamarte partindo de uma escura moita fronteira.

– Jesus! – gritou Macario, cahindo fulminado alli mesmo varado o coração por uma balla certa.

## CAPÍTULO VII

**N**essa ocasião, tres leguas dalli effectuava-se o baptizado de um filho de Donato, casado há tres anos com uma das famílias daquelle sertão.

Viagem dos Mellos momentaneamente interrompida por esse facto.

Satisfeitos, porem, esses deveres de familia, movimentava-se, rumo sul a famosa boiada, traz de si deixando uma athmosphera carregada de lastimas, odio, orphandade, sangue, roubo e maldição. Receiosos de algum assalto, os criadores em geral acharam de bom alvitre flanquear até mais longe a boiama.

Esse acto recrudescera mais os despeitos.

Estava extincta a confiança geral.

Prevenindo maiores e fataes consequências João do Arrozal e seus amigos haviam dirigido uma queixa fundamentada sobre os acontecimentos ao Chefe de Policia da Provincia e esse não demorara em mandar abrir um inquerito a respeito pelas justiças de São Romão.

Intimados os dennunciantes para o depoimento, ninguém quizera acodir ao chamamento da auctoridade, porque, a estrada real, passando por terras dos Mellos, nenhuma garantia de vida offerencia.

Isto era sabido.

João não estivera por isto.

Se não quisessem obedecer, elle só, affrontando perigo, compareceria á audiência.

E não houve razões ou conselhos que o demovessem para deixar de cumprir o seu dever.



Dizia-se, e elle tambem não ignorava, que pelos arredores do seu sitio, dois filhos do Mello – Antonio e Lucilio, com alguns cabras matreiramente por alli rondavam. Os pressentimentos, ajudados pelos enredos, carregavam o quadro de cores negras.

Ferviam comentarios sobre a morte dos dois vaqueiros e os displantes insultuosos desafiantes e soberbos do assassino por occasião dos festejos do baptizado na casa do Donato.

Mas, João um destemido e ao mesmo tempo num obstinado, partira.

E partiu só, aborrecido com os seus, taxando-os de pusilanimos.

— Coitado do João! diziam uns.

— Cabeça dura! diziam outros e sentenciavam: finado João, finado João!... Sem este estamos, concluindo, ao vel-o desaparecer na curva da estrada para o São Romão.

E quasi assim acontecera.

Pelos aggregados do Bority os dois Mellos souberam immediatamente de sua passagem, e sem mais treguas foram ao seu encalce, encontrando-o pertinho das barrancas do São Francisco.

Fora feliz.

A descarga não o attingira, e devera a vida ao valor de seu posante Cavallo que, bastante ferido, em uma arrancada veloz, em disparada, volvera para morrer nos terreiros de seu dono, lavado em sangue, assim este lhe retirára os arreios.

Mal esboçada aquella perversidade e falhando o assassinato do João, outro, simplesmente horrivel, levantára os animos para uma defeza commum.

Picado a facção, fora encontrado no campo o cadaver de um irmão do Arrozal, barbaramente tombado, quando vigiava os rebanhos.

Situação afflictissima!

So, então, reconheceu-se claro: estar-se a braços com uma perigosa quadrilha.

O clamor sacudia os corações e aconselhava medidas prudentes e de urgencia.

## CAPÍTULO VIII

**N**ovas denúncias ao Chefe de Polícia.

Novos processos e um meirinho foi enviado ao Burity do Meio á intimar os Mellos.

A situação ia tornar-se um pouco séria.

O Henrique, ferido no seu orgulho, vio no acto uma suprema desmoralização; e furiosissimo, após a leitura do mandado, engolindo uma saliva amarga, disse com certo menospreso; horrendamente carrancudo:

— Estou intimado! É só?

— Só, sim senhor! respondeu o official.

— E você teve esta audacia de vir intimar-me?

— Quem tem isto, patrão? Pois Vossa Senhoria ignora que sou mandado?

— Antonio. Lucilio! gritou elle autoritariamente: agarrem e suspendam este canalha pelos pés nas galhas da gamelleira alli do pátio e accendam uma fogueira embaixo.

Num abrir e feixar de olhos Antonio, Lucilio e mais dois fascínoras derribam o official, amarram-no e aos empurrões arrastam-no para o supplicio.

As ordens foram cruelmente executadas e o martyr se acabára daquelle miseravel modo.

Coparticipe nos crimes, obscurecido pela soberba, Mello julgou-se um senhor de barço e cutello, fiado em seus heroes e na importancia de sua familia, parte residente em São Romão, parte em Sabará.

Em Sabará assistia o notável médico Dr. Simphronio de Mello, formado em Paris.

Natural de Paracatú-de-seis-dedos, exercia a medicina alli, gozando de excellente reputação e prestígio em Minas.

Era irmão do Mello.

Sabendo dos desatinos dos sobrinhos e do perigo que corria o irmão, escrevia a este de sempre, aconselhando-o a retirar-se do sertão com a família. Diversas vezes indo a Ouro Preto, pudera conter as iras do Chefe de Polícia e prudentemente, sem descanso, avisava ao irmão, esgotando todos os meios suasórios.

Qual se vê, queria-o muito, e com razão, por ser o mais velho e com quem, desde criança, crescera em intimidade.

Não o abandonaria por isto, nunca, mormente no ultimo quartel de existência.

Disto tinha o Mello plena certeza; e, seguro desse amor fraternal, ameaçava arrogante:

— Enquanto eu tiver o mano Simphronio, zombarei de tudo e de todo esse rebotalho que tanto nos importuna e vai também sabendo do nosso pezo.

## CAPÍTULO IX

**P**aracatu-de-seis-dedos!<sup>5</sup>

Hoje quasi não existe.

Fôra um prospero arrayal da beira do Rio, residencia de fazendeiros e agricultores de alguma importancia.

Sustentára outrora um regular commercio de exportação de carnes, boiadas, couros, pelles, cereaes e fructas, especialmente dessas saborosas laranjas.

Florescera por muitos annos, e ora reduzido á uma insignificante tapera, o próspero arraial.

Sua população não excedia alem de 1.100 a 1.200 e poucas almas, com algumas ruas alinhadas em torno de uma capellinha de formação jesuítica.

Por esse tempo ainda de paz e farturas, aos domingos e dias sanctificados reunia-se numeroso povo das circumvizinhanças para passeios e divertimentos e assim frequentado com o seu excellente commercio, supportava menos mal o isolamento das margens do São Francisco.

E como não ha bem que sempre dure, certos elementos adventicios, pouco a pouco se introduziram e foram aniquilando, por máos costumes a existência da pobre Paracatú. Sem policiamento nelle aninharam-se o jogo, as bebedeiras desenfreadas e o seu cortejo consequente: brigas, rixas, mortes, todas as demasias da luxuria e da vadiagem.

---

<sup>5</sup> Nota do autor: pequeno ribeiro affluente do São Francisco no qual desembarcava-se por seis braços, dando-lhe o nome de Seis Dedos.

Chefiavam os Mellos esse atoleiro, cujo farrancho, terminando bem, exhibia-se por algumas facadas ou cacetadas, ferimentos por ballas, isto por muito favor, quando não terminavam pela morte, em noitadas de tiroteios, arruaças e jogatinas, onde avultadas sommas desapareciam.

Mas, não nos antecipemos os factos e continuemos reactando o fio de novello da nossa novella.

Em ausencia dos irmãos, conforme o inverterado costume, Antonio e Lucilio eram assíduos no Paracatú, jogando e bebendo desgovernadamente.

Num dia aziago, após uma orgia escandalosa de valentia e disputas apaixonadas, estes dois rapazes desfavorecidos da sorte, sahiram de uma roléta, perdendo muito.

O Lucilio, de bolsos limpos; e o Antonio quasi perdera a camisa, tão azarento se portára no jogo que desse fôra arrancado por Lucilio, condoído do irmão.

Desmoralizados voltaram á casa, Antonio á garupa do cavallo de Lucilio, pois o seu arrebataram-no as orelhas da sotta, no valor de cento e cincoenta mil réis.

O caso, notoriamente sabido, deu no gôto de muita gente que aconselhára o Zé Pasquim, o felizardo jogador, não passar pela estrada da fazenda dos Mellos, pois que soffreria qualquer desacato.

Pasquim, andejo, vagabundo e profissional de paradas não era dalli, acceitando o conselho que davam, tomou mêdo; e tendo de retirar-se, metteu-se por atalhos, deixando o Paracatú ao romper do dia seguinte.

Viajára muito, e só a tarde enxergára ao longe umas moradas que não conhecera, tantas as voltas que cautellosamente dera. Para essas moradas, então, se dirigira e ainda assim receioso.

## CAPÍTULO X

**D**e pé, á sombra de frondosa parreira, dois homens amistosamente conversavam.

Um delles, carpinteiro, cepilhava umas tabuas para um armário, enquanto o outro assistia ou antes fiscalizava esse trabalho, que apesar da palestra, não se interrompera.

— Ora, Fagundes, ando muito triste e quasi desenganado.

— De que, Donato?

— Há cinco dias que procuro um cavallo e não há possibilidade de encontral-o! Tenho batido em campo xucro e... nada! Não posso adivinhar onde se escondeu. Cavallo manso... e da porta...

— Eim, Donato? Agora, se teu Cavallo virou boi!... gracejou o Fagundes.

Donato rio-se também da pilheria do amigo.

— Caçoada, moço! Boiada, se bem andou, pelo tempo está nos cobres, e meu cavallo, ha poucos dias estava aqui.

— Mas, as vezes resolveu dar um passeio la pelo sul, e foi dar uma pernada por lá!

Outra gargalhada entre os dois.

— Estamos de bôa vida, brincando, disse Donato, mudando repentinamente de conversa.

— E não é que os negocios de meu tio estão tomando caminho serio?

— Ora, pois, moço!...

— Já não são poucos os casos complicados; dia a dia aparecendo; e, penso eu, se Deos não tiver pena de meu tio, esses meus primos darão cabo de sua fortuna, o arrastando á uma ruina certa. Se formos vivos, teremos scenas bem desagradáveis.

— Ora, Donato, replicou o Fagundes; isto nada vem a ser. Rapaziadas! ou por outra: são ricos, e na riqueza nada pega. Não acha você? A prova disto é que o velho anda tranquillo.

— Tranquillo? (aqui para nós), quem dera! Tranquilidade criminosa, porque acoita muito os filhos. Meus parentes, mas força confessar: uns estroinas! Uns desastrados!

— Ricos! diz você; e qual a fortuna que aguenta jogo? Quem se fia de jogador? Jogador não tem alma. E o resto?

Ja talvez continuar, quando, a desembarcar do taboleiro da próxima chapada, dirigia-se para alli um cavalleiro.

— Nossa senhora, Fagundes! exclamou com surpresa Donato.

— Que há? respondeu o Fagundes, parando o cepilho.

— Meu cavallo! Fagundes olhou:

— Na verdade! Teu cavallo!

Nesse ínterim o cavalleiro approxima-se indagando:

— Bôa tarde! Fineza dizerem-me os senhores se esta é a estrada que vai para o arraial do Coração de Jesus?

— A estrada, apressou-se Donato em responder; não é esta. Ja o cavalleiro deixou-a muito atraz. Vai errado e por mais de legua; por esta também vai e não tem errada; embora dê uma volta um tanto mais carregada para o sul para encontrar a verdadeira. Daqui ha meia légua poderá entrar na outra.

Uma pequena pausa cheia de anciedade. Donato continuou:

— A graça do Senhor?

— José Parada, um creado para o servir.

— Creado de Deos e da sua pessôa.



— Ainda que mal pergunte, donde vêm o senhor?

— Pergunta muito bem. Da beira do Rio, do Paracatú-de-Seis-Dedos.

— Não quer apeiar-se?

— Não senhor. Entardece e eu desejo alcançar ainda a estrada.

— Ah! quanto isto, não! Há tempo suficiente; descanse um pouco. Tomará um pouco de café, e depois, seguirá!

O Parada (Pasquim como era conhecido), olhou para o sol a descambar para o poente, e resolveu apeiar-se, sentando-se no banco do carpinteiro.

Donato correra á casa, mandára ás pressas passar o café e voltára incontinenti, trazendo um ferro.

— Então, vem o Senhor mesmo de Paracatú?

— Sim senhor; sahí hoje pela manhã, e errei a estrada, não sei como!

— Estou vendo que o Senhor errou mesmo a estrada; e não leve a mal em perguntar-lhe de quem o senhor arranjou este cavallo? É seu...

— Comprei-o, e é nosso.

— Comprou de quem? Desculpe-me perguntar.

— Ao Antonio de Mello por cento e cincoenta mil réis. Porque pergunta o Senhor?

— Por uma simples razão que não lhe escondo: este cavallo é meu. Ahi esta mais uma razão de ter errado a estrada. Elle é daqui e com certeza sem o senhor saber nem querer, veio dar ás portas. Há cinco dias que o procuro por toda a parte e sem resultado algum. Posso provar-lhe que é meu. Tenha a bondade de vir examinar commigo.

Fagundes e Donato entreolharam-se e o Parada levantou-se.

Donato, ajustando á marca do cavallo o ferro que levava indagou um tanto nervoso e triumphante:

— Então, senhores, é ou não é o meu ferro?

— Sim, senhor! concordo; é o seu Cavallo; disse o Parada.

— Quanto a mim, não necessito de ferro, porque conheço o cavallo e sei que é de Donato, confirmou Fagundes.

— Não ha mais duvidas. Está provado que foi aquelle patife, ladrão de cavallos. Ladrão! Ladrão! Eis ahi um precipicio, cujo fim, ninguem poderá prever até onde chegará. Meu tio e meu padrinho (os senhores desculpem-me), alimenta umas cobras e hade arrepende-se muito tarde com semelhantes gatunos. Já ninguem os atura mais; deram para furtar e assassinar e mais cedo ou mais tarde estarão a braças com a polícia e na cadeia.

Nesse instante chega e é servido o café, prosseguindo depois a conversa:

— Estou com o credo na bocca. Queira Deos!

— A razão é toda sua e queira desculpar-me. Eu ignorava tudo, como se vê, e nem possível adivinhar isto de pessoas abastadas. Neste caso, entrego-lhe immediatamente seu animal.

— Eu lhe agradeço muito e não consentirei em seu total prejuízo. E tirando de uma carteira uma nota de cinquenta mil réis, offereceu-a ao Parada:

— É uma gratificação e hade desculpar-me.

— Não acceito, senhor Donato, tenho dó do senhor. Para que mentir? Eu não comprei seu cavallo; ganhei-o numa parada de pacáo. Nada custou-me, portanto. Pouco importa que eu siga a pé. Não abuso; eu sei caminhar.

— Neste caso insisto para que o senhor receba o dinheiro, e agora já é um favor, uma fineza que fico a dever-lhe. Não lhe offereço um animal para sua viagem porque não tenho presentemente um outro á mão.

— Pois bem, seja como deseja. Por mim não acceitaria.

— A obrigação é toda minha. Devo tudo a meu padrinho e tio; mas, não posso aturar semelhantes desatinos dos filhos. Não fosse elle, esse negocio acabaria por outro modo.

O Parada recebeu o cobre, retirando-se agradecido.

## CAPÍTULO XI

**E**spalhou-se mais esta novidade, bem chegando ao conhecimento dos Mellos que se mostraram feridos, mormente Dona Mariasinha que espumára de ódio.

Achára que o Donato, pelos favores recebidos, não deveria alcunhar os filhos de ladrões de um miseravel cavallo. Queria pagar tantos benefícios com a ingratidão daquela ninharia. Que diabo era um cavallo que não se pagaria? Vociferára como louca. Toda a vida fora elle tido e creado como um filho, e sentia, agora, grande arrependimento em consideral-o como tal.

Naquelle mesmo dia da noticia a orgulhosa senhora mandára atrevido recado ao sobrinho, perguntando-lhe o custo do animal. Que abrisse o preço sem pena. Queria pagar.

Donato nada respondera.

Aquillo não passava de nervosismo de mãe susceptibilizada, pensára.

Estimava sinceramente a velha e tractára de esquecer a offensa, pretendendo ir pessoalmente explicar-se.

Não foi preciso tanto.

Passados dias, estando com a esposa a quebrar milho na roça do terreiro, tombára fulminado por um tiro de clavinote, traiçoeiramente alvejado por detraz de uma cerca, ao motejo de duas selvagens gargalhadas.

Aos gritos de socorro da esposa, acodiram os vizinhos que transportavam a victima para a casa em gravissimo estado.

Como entendido em medicina fora chamado o portuguez José Caetano, que morava perto, para salvar Donato.

Esse acodira logo; mas, infelizmente nada mais a remediar. Ferimento mortal e Donato acaba de expirar.

– Não sei, disse o português, como não falleceu immediatamente, pois a balla, penetrando por um ouvido, quasi esbagaçou todo o craneo!

A casa encheu-se logo.

Deante da consternação das pessoas presentes, chegára á uma das janellas o Lucilio, indagando do acontecido, quem fôra... quem não fora, e não entrára na sala onde já se estendia o cadáver.

José Caetano espreitava-o, desconfiado do cynismo do monstro.

Tão cedo, meditára elle, nove horas da manhã... distante duas para três léguas de sua fazenda, porque inesperadamente apparecia, então, aquelle moço?

Porque perguntas semelhantes, quasi sem interesse, sem a mínima demonstração de pezar e podendo dizer-se um irmão, porque não entrava alli?...

E Caetano no auge da mais justa indignação verberáva forte:

— Gente sem coração! Um banditismo deste devia ser severamente punido ou neste paiz não ha mais leis; Como matar injustamente um pobre pai de família que nunca fizera mal á pessoa alguma?!... Non, non'era possível que Deos ficasse surdo á tantas desgraças que de ha tanto tempo vinham assolando estas terras do sertão!

As pessoas que ouviam attentas apoiaram as judiciosas palavras do estrangeiro.

Lucilio, muito bruto e atrevido em extremo, nada achando que dizer, resmungou qualquer cousa indistincta, e depois em tom rispido, não soubera conter a colera ou desfarçar o remorso, bradando-lhe n'alma, descobrindo-se:

— Quem o matou não foi ninguem. Mas a lingua delle.

Caetano não se conteve:

— Neste caso, o senhor assim falando, sabe, ou foi quem o matou.

— Não sei! Como quizer entender.

E novamente rosnavava, retirando-se da janella:

— Gringo audacioso tu me pagarás!

Henrique de Mello, sabedor do assassinato do sobrinho, irritava-se contra os filhos e os reprehendera severamente.

— Não houvera razões para esse procedimento criminoso.

E quando se convenceu realmente de que o attentado fora obra de sua senhora, calara-se por algum tempo para romper com ella:

— Comeffeito, senhora Dona Mariasinha! Comeffeito! Até hoje, tudo assim... assim, bem ou mal. Que lhe fez esse menino? Donato, creado por nós... nosso filho... assassinado por seus irmãos?!... D'ora em diante a desgraça vai entrar em nossa casa. Comeffeito, senhora Dona Mariasinha! Comeffeito!...

A Mariasinha, vendo-se accusada, retrucou furiosa ao pé da letra:

— Com effeito o que, seu Mello?!... O que está feito, está feito, e não está por se fazer. Mandei mesmo! E agora que que hade acontecer-nos. Mandei-o pr'ó barro e nelle está muito bem. Não terá mais o atrevimento de, unido com os nossos inimigos e em presença delles, botar os meus filhos de ladrões de cavallo. Acabou-se! Não será mais homem para insultar a quem quer que seja!

Mello retirara-se ao extremo do patio. Violenta a paixão que o dominara; daquella hora em diante tornara-se um sorumbático, arredio a todos, amuado, abatido. Queria o Donato sinceramente como filho.

## CAPÍTULO XII

**A** casa de Bority do Meio – térrea, de três lanços, espaçosa, coberta de telhas, com uma dependencia á esquerda para rancho de tropeiros e accomodações outras, mais distantes, para os misteres da vida pastoril e agrícola.

Longas estacadas de pão-a-pique estiravam-se pelos oitões, margeando lado a lado a floresta e nella mergulhando, sumiam-se para os fundos de grotais altos e seccos onde morriam ao fundo.

Nenhum ribeiro ou riacho por perto, sinão um rego para o serventuário e irrigação de arvores fructiferas e horta do quintal.

A esquina da direita, o espaçoso curral, também de páo-a-pique para os serviços vaqueanos com uma pequena manga de pastos.

Pela frente, um pouco retirada no largo pateo, uma frondosa gamelleira.

No centro, erecto e de sentinella, um grande cruzeiro de aroeira, toscamente lavrado, lages em torno; e para alem um varjote meio redondo, muito rude, batido de sol e confundindo-se com o matagal.

Descia a tarde do infinito, numa dessas tardes mansas e silenciosas do sertão. Um frouxel de sombras luminosas das terras altas deslizava-se já pelas fimbrias do campo agreste.

Mello, passada a explosão de contrariedades recebidas dos filhos e da esposa, atravessara vagarosamente o pateo, cabeça descoberta, em mangas de camisa, como que desvairado, enxugando com tremulas mãos grossas lagrimas, abundantemente derramadas pelas barbas alvas, expessas e compridas, indo cahir de joelhos em uma das lages soltas e espalhadas ao pé do cruzeiro.

Das bandas do Oeste, viajoras lufadas, embalando o topo da imensa selva, embebiavam-se nos susurros do deserto e nos mugidos harmoniosos dos touros curraleiros nas pastagens.

Precedendo ao sol poente e aos instantes crepusculares, bandos de pombas bravas, arrulavam ariscas nas copas das sicupiras e angelins, e papagaios em tribus, em nuvens e aos milhares, n'uma vozeria confusa, passavam voando, muito verdes, tagarellas na imensidão, sob o azul dos ceos.

As perdizes saudosamente piavam no dorso das chapadas e os zabelês no fundo das catingas.

A passarada meúda fervilhava aninhando-se, cantando pelos prados nessas terras vermelhas, cor de sangue, onde as resteadas da luz evocam seculares poeiras de fino ouro deluindo-se na solidão.

Essa tarde morria ao horizonte, e ainda de joelhos sobre a lagea, Mello chorando uma longa oração.

Ao scintillar do crepúsculo levantou-se e; contornando o vargado sumira-se na exressura do matto.

## CAPÍTULO XIII

**C**om a morte de Donato e o receio de novos crimes e acontecimentos as denúncias choviam em Ouro Preto. O Chefe de Polícia apertava seriamente as autoridades de São Romão, também ocupadas com um clamoroso assassinato, dentro das ruas, de um distinto membro de sua família, pessoa de destaque social.

O Dr. Simphronio, apesar de toda a solicitude e bondade para com o irmão, não poudera pela sua influencia deter mais a marcha dos negócios públicos.

Escrevera, por tanto, novamente aconselhando prudência e promettendo uma visita, a fim de ver, se entre os parentes resolveria a contenda.

Caso perdido e inevitavel, porem.

Os annimos revoltadissimos!

Casado de novo, inesperadamente tombára para sempre, vasado por um tiro de bacamarte, Modesto Bezerra, rapaz distinctissimo e geralmente estimado.

Apurados os factos; fois circunstanciadamente nada mais que isto: como sabemos, Mello tinha uma filha casadoura de nome Ana Maria; e sua mãe que desejava amparal-a, pensara na escolha de um noivo do seu agrado.

Até tanto, nada mais maternal.

Desconfiada sempre e um tanto desanimada com o zum-zum do povo a seu respeito sobre seus precedentes, por linhas travessas mandára a São Romão sondar o Modesto, como parente, se bem que remoto de seus filhos.

Com precaução, o expedicionário levára ordens secretas da patrôa: ver, ouvir e calar tudo o que presenseasse da resposta do Modesto.



— Seu Estacio, disse a Mariasinha ao vel-o partir: se o negocio sahir conforme nossos desejos, e se você souber levar a cousa bem. Terá além do mais uma boa malhadura.

Era o Estacio aggregado de confiança dos Mello, um desses velhotes conversadores, muito viajado, gracejador, dando-se com meio mundo e relacionado com o povo de São Romão. Conhecia o Modesto; fácil, portanto, o aproximar-se deste sem a menor desconfiança ou embaraço.

Bancando importância, assim chegando á villa, procurou Modesto que o recebeu logo, como bons amigos e conhecidos que eram.

Terminadas as primeiras saudações, o Estacio, ceremonioso e reservado, deu a língua com a alviçareira proposta.

Modesto, rapaz inteligente, porem, sem muita experiência, de uma simplicidade extraordinaria e encantadora, ouviu attencioso o recado ou a proposta, sem dar palavras, mergulhado em reflexões.

Houve uma ligeira pausa, interrompida pelo Estacio:

— O meu amigo pense bem. Vim aqui somente a isto, e desejo ser despachado, quanto cedo, melhor!

— Não ha duvida, meu Estacio! Será despachado e agora mesmo. Você chega muito tarde. Não é um - não quero; porem, um não posso. Tenho compromissos. Diga a Dona Mariasinha, que de coração agradeço tanto interesse que toma por mim, e sua consideração de que não me esquecerei nunca. É tarde. Casar-me-ei por estes dias.

— É pena, acodio o Estacio, vendo fugir-lhe toda a esperança de gorgeta; se o amigo resolvesse este negocio de outro modo, eu achava que iria entrar numa bolada bôa, porque a gente lá stão querendo de mais. Ora, só o gadame!... É vacca pru castigo! E os caraminguás, eim?

— Oh! ah! isto não! Seria um casamento de vaccas. Não sou homem de interesses. Casamento é amor, é uma causa sagrada - o grande sacramento. Infeliz de quem faz delle negocio.

— Eh! mais...

— Não tem mas; se vou casar-me por estes dias...

— As vês...

— Minha resposta está dada...

— Não vai se arrepender ô dispois...

— E terminado. Não me arrependerei de cousa alguma e de nenhuma forma; demais, meu caro Estacio (falo contigo só, mas não quero que leve isto; é somente entre nós o que de sobra você conhece). Ando horrorizado, isto é, todos nós, com as façanhas desses parentes.

— Mesmo que isto possível, eu usaria como uso de toda a franqueza: só se eu fosse um louco para metter-me, sem que nem para que numa ninhada de víboras. Ave-Maria! Nunca! Mas digo isto somente a você, em particular.

— Eh! Tem rezão. Não é sangria desatada, murmurou quasie lacrimoso o Estacio; não quer; não hai quem lhe obrigue. De minha parte, sinto bem. Eu sempre achava, porem, que o amigo fazia um bom casamento, cumoo não encontra outro milor por essa redondeza.

— É assim mesmo, mas, não posso. Dê a minha resposta.

— Apois bem! Não quer voltarei com o desengano.

— Por não ser mais a tempo.

Com a pitada que levara, pitada dos infernos e de que não gostara por certo, o Estacio torcera o beijo e enferrujára a cara, disfarçando-se, depois de uns instantes de vexames e de mudo desapontamento. Inventou guella seca e pediu agua:

— Não falando descortezmente, por favô, benignidade e honra do seu caracte, o amigo Bezerra manda-me dar um copo dagua?

— Oh! pois não! meu bom Estacio.

Veio a agua.

O Estacio bebeu a goles fortes, num gutte! gutte! gutte estouvado. Limpando os beiços com a manga do casaco, la se retornara muito murcho.

A resposta, palavra por palavra e com acrescimosinho para carregar, (inclusive o que fora dito á puridade). Tudo transmittido á Dona Mariasinha, que, indignadissima e no auge da violência e do despeito, amargamente, arrogantemente dirigira-se ao marido:

— Seu Mello, você anda aborrecido com o que aconteceu ao celebre Donato; pois bem, desta vez, seu Mello, a questão é toda commigo. Approve você ou não, hade ser executado, ou não serei mais tua Mariasinha.

O Mello tremeu.

lla continuou:

— Modesto Bezerra precisa morrer! Elle que conheça e reconheça o succo do seu desaforo!

— Modesto Bezerra!?... Exclamou aterrado.

— Modesto Bezerra! Ou Mariasinha, ou elle; e a duas uma: e resolva como quiser: ou a orelha dele, ou eu separada de você para sempre. Não sou uma cachorra. Elle que respeite-me! eim? Respeite-me!

E expoz o recado do Modesto, em resposta ao pedido.

Terminando, disse o Mello mansamente:

— Não vejo motivos para tanto. Não senhora: não caia nesta!

— Eh! Mas elle disse assim e a uma hora dessa estará chacoteando de nós; por isso mesmo, quem sabe, terá apressado o tal casamento e a nossa filha, atirada ao desprezo por um caboleté qualquer... um... dê-cá-teu-caco!?

— Esses moleques de porta de commercio estão emganados com Mariasinha! Com Mariasinha pia-se mais fino e enxagua-se a bocca! Commigo ja fedeu o defunto: ferventado! moqueado, delido! Que desaforo nos taxar de ninho de víboras! Infeliz das alpercatas! Ah! Se eu te apanho mais perto, desgraçado!

— Deixa-te desta exaltação, Mariasinha! Será certo mesmo ter o moço fallado assim?

— Você duvida ainda?

— Está bem! Nada mais quero saber; não nos quer e esta no seu direito. Nem por isto, razão para morrer. Não senhora! a senhora não caia nesta! E olhe, Dona Mariasinha, que as cousas perigam de mal a peor. Temos cartas de aviso do mano Simphronio que ahi vem já, e eu não desejo, nem quero mais complicações. Assim chegue, succeda o que succeder, apesar de dennunciado com meus filhos, irei a São Romão visital-o. Nada de mais novidades! Deixa isto para lá. Acabou-se, acabou-se!

Mariasinha nada mais falou. Tinha um nó na garganta.

Mello, estimulado pela paixão, recolhera-se a um retiro predilecto, uma legua distante, onde passava dias e dias sem pôr o pé em casa.

Aproveitando-se desta ausência e secundada pelos filhos, mandára eliminar o Bezerra, recentemente casado.

Morte barbara e geralmente lamentada!

A noticia, circulando por aquelles fundões do outro lado do Rio, chegou aos ouvidos do Mello.

Esse, volvendo afflicto do seu refugio, assaltado pela infelicidade e mal contendo o azedume da injusta morte, entrára em casa sem ser esperado, clamando amargamente para a esposa:

— Muito bem! Dona Mariasinha! Muito bem! Sim! Agora sim!... Tudo parecia calmo à nossa vida; mas, desde já esteja prevenida de que, de ora em diante, maiores infortunios cahirão sobre nossa família!... E segura o pé, Dona Mariasinha!? E retirou-se.

— E o que é? Que tem isso agora? Gentes!... na terrêta!... Rap! (escarrando) Bugarim?... busca! Bota dois vintém de terra aqui! disse com ironia Dona Mariasinha, vendo o marido retirar-se.

## CAPÍTULO XIV

**A** justiça de São Romão, por ordem superior, dava andamento aos processos; e forçoso mandar intimar aos dennunciados do Bority.

Pelo recente exemplo ainda impune do primeiro meirinho, que de lá não voltára, não se encontrava quem quizesse arrastar o perigo, assumindo o cargo, mormente quando sabia-se então chegados do sul os outros filhos do Mello.

Portanto, em vez de dois ou três cascaveis, seis ou sete tigres reunidos, dignos de caça. Urge o tempo e não requeria delongas.

Nessas aperturas, apparece em São Romão um creoulo de nome Cyrino; creoulo corpulento, alto, espadaúdo e valente, que, offerecendo-se para aquella empreza, immediatamente nomearam-no meirinho.

Chamavam-no Cyrinão.

E logo seguio o Cyrinão com o mandado.

Ao verem-no partir, murmuravam:

— Coitado do Cyrinão, não voltará mais!

— Entrará no barro, como entrou o outro.

— Qual! Muito do teimoso! Valente, é porque tem coragem. Se acontecer alguma coisa não faz mal, porque foi avisado. Quem por gosto vae metter-se na bocca da onça?

— Se é do gosto do defunto, diabo leve o enterro.

— Eh! Sim! Morre porque quer.

— Ora, se ninguém achou-se com coragem de acceitar esse mandado só este bobo de Cyrinão é que teve o tapete!... Um doido!

— Doido? E o dinheirão que vae ganhando dos Bezerras? Uhm! Ahi é que está o denngo.

— Bobagem! Hai dinheiro que pague a vida de um home?

Tal a parolagem da beira do Rio, quando a canôa que levava o novo meirinho abicava no outro lado da margem direita.

Um vadio gritou com força:

— Cyrinão, dou-te um conto de réis por uma pitada do cornimboque do Mello, ouviste?

E uma voz grossa, serena e alta atravessou as águas, retumbando:

— Sim senhô!....

## CAPÍTULO XV

Quintino, Rodrigo, Domingos e Isalto, effectivamente haviam regressado mais que orgulhosos... endinheirados!... vendida a grande boiada por excellentes preços.

Por Antonio e Lucilio durante aquella ausência de mezes estavam scientes de todo o ocorrido; e, meúdamente das demais peripécias e questões ultimas do Donato e do Bezerra, das dennuncias e dos dennunciantes e por ultimo das providencias alcançadas pelo tio Dr. Simphronio com o Chefe de Policia; mas essas ultimas um tanto atrapalhadas ja por novos processos.

Ligando noticias frescas de São Romão, não tardaria uma rigorosa perseguição – denuncia dos Bezerras!

Estavam de sobreaviso todas as outras auctoridades dos municípios circumvizinhos.

Quintino, ouvida toda esta arenga, deu uma estrondosa gargalhada, xasqueando:

— Ora, manos, vocês parecem que nasceram hontem? São processos que sahem nas urinas. Quem faz caso disso? Não vallem cousa alguma que preste. Quem manda no mundo?

— Este! E esfregou o polegar no indicador:

— “Onde o dinheiro ralha, cessa a canalha”.

— Felizmente, atalhou o Isalto, podemos levantar a cabeça: somos independentes! Todos os compromissos de nossa casa – satisfeitos!

— Alem do que, quem possui um tio, como o nosso, pode desafiar a tempestade, pabulou o Domingos. Ella que sopra e de qualquer lado, se poudar.

Quem tiver peito pr'aguentar que se arroje, pois, unidos, nos não recuaremos nunca. Aqui é no ferro, na balla, no tapa! No duro!

— Muito bem! Muito bem! exclamavam os outros dois, Lucilio e Antonio, entusiasmados.

E todos se abraçaram.

Os paes, tudo esquecido por momentos, estavam radiantes; ouvindo-os.



## CAPÍTULO XVI

**M**ellos seriamente ameaçados, nem por isso se retrahiram.

Publicamente afrontavam a sociedade os mesmos bohemios, jogadores, libertinos, valentes, destemidos na mesma roda viva por Paracatú e seus derredores.

Onde se desmandavam, esperados e sabidos os barulhos, a bebedeira, os destemperos das turras e a macriação, o faca-fóra.

Nesse parenthesis de desenvolturas, novas de São Romão na fazenda: o Dr. Symphronio na terra!

Um alvoroço no Bority! Como é? Ir-se ou não visitar o tio Douctor?

Domingos, o mais manso e reflectido dos irmãos, quando todos de parecer que toda a família deveria cumprir esse dever, discordára:

— Antes nosso tio vir aqui. Ha dennuncias contra nós e, dizem até contra mamãe.

Dona Mariasinha sentiu-se magoada e arrepiou-se:

— E que me importam dennuncias, Domingos! Eu como, bebo, eu visto dennuncias? Ora muito obrigada! Mureiras pra tudo isto!

— Não é preciso isto, mamãe! Não se zangue por pouco. É prudência. Os que não nos gostam, dirão que fomos ae propósito insultar as auctoridades; e nós não devemos dar direito aos outros. Quem sabe, se lá apparecerão scenas desagradáveis, tão fáceis de evitar-se agora?

— Qual, meu filho! Isso acolá (apontando para São Romão), São Romão!... São Rrromão!... (desdenhosamente estirando os beiços) que é um São Rrromão?! Bananeira que já deu cacho!...

— Não passa de uma sucia de borra-botas.

— Basta batermos o pé, e a macacada toda cae no matto, tirando sipó.  
Falaram Quintino e Isalto.

E cada qual mais expansivo externou a sua franca opinião: o pae, a todos

Decidam porque eu irei. Cada qual mais expansivo externou sua franca opinião; o pae, a todos ouvindo em silencio, levantou-se resolutu do meio delles:

— Como é que é? Vae-se ou não? Decidam-se porque eu já decidi. Irei! Que! Chegar Simphronio, em São Romão, ou nos infernos, e eu não ir vel-o immediatamente... não será para um Mello.

— Não, meu pae! disse o Quintino; neste caso iremos todos. Há muita sede no senhor...

— Irei só!

— Ah! Isto, não!

— Irei só!

— E se o senhor soffrer qualquer vexame sem nós?

— Eu?... junto a teu tio? que esperança! quem se atrevera? Ninguém me acompanhe. Quero, e ja disse, irei só! De vocês, nem um: nem tua mãe! Ninguem!

— Nem ao menos, até a beira do Rio?

Mello reflectio carrancudo:

— Parece-me que vocês perderam o juizo. É inutil tal precaução. Rodeados, como estamos de inimigos rancorosos, e sabendo-se nossa casa sem gente... deserta... quem a defenderá em caso de um ataque imprevisto?

— Mas, nós temos camaradas em armas.

— Esqueceram-se tão depressa dos vaqueiros? Camaradas, mesmo em armas, sem vocês á frente são como fumaças, quando as carrega um'pé de vento. Trava-se uma discussão que fora inopinadamente cortada.

## CAPÍTULO XVII

— **B**om dia! Troára á porta uma voz mascula.

— Bom dia! acodira o Mello, de pé, tomando a frente.

— Mora aqui o Senhor Henrique de Mello?

— Sim senhor! E é este seu creado. Quem é o senhor e que deseja?

— Cyrino, official de justiça de São Romão, respondera firme.

Á estas palavras houve um como ruido de armas pela sala.

O Mello volveu os olhos um instante.

A familia toda corre ás janellas para assistir a intimação com certo susurro.

— Silencio! Bradou o Mello. É a justiça. Vejamos o que quer.

O creoulo desenrollou um papel; e sobraçando um clavinote, bocca-de-sino, armou o gatilho, escancarando a formidável trombeta ao peito do Mello, que, immovel e sem pestanejar, mas, intimamente indignado, ordenou desdenhoso:

— Leia o mandado!

— Não sei onde estou que não lasco neste instante a mão na cara deste negro atrevido, rosnou o Lucilio.

— Ouça! Silencio! impoz o Mello.

Cyrinão, levantando mais a voz, correntemente esbagueçou sem vacillar, de principio ao fim o documento.

Ao terminar, disse ao Mello:

— Estou intimado, não há duvida; mas, parece que você veio antes caçar um tygre, do que intimar a um homem; enfim, os culpados são teos patrões. Você não passa de um imbecil, um idiota muito grande, intimando um homem com um bacamarte sem espoleta. Olhe ai se ha?...

Cyrinão retirou a arma para certificar-se. Mello dá um salto, arrebathe o bocca de sino, subjuga-o; e dando com elle no chão, imperativamente gritára aos filhos:

— Morra este semvergonha! Suspendam este canalha na gamelleira!

Nem preciso mais. Já os Mellos haviam precipitadamente arrancando de sob os joelhos do pai o desgraçado meirinho numa pancadaria atroz, e de punhais desembainhados arrastavam-no, já ensanguentado aos trambolhões e pontapés para a fatídica arvore do mesmo supplicio que sabemos do primeiro meirinho.

Assim, levado e encarando o seu último fim e sem misericordia, Cyrinão vio-se perdido e poz a bocca no mundo, lastimoso gritando:

— Valha-me sinhazinha, que está á janella! Não me deixe matar, pelo amor de Deos!

— Socega, gente! Meus irmãos, não façam isto. Soltem o homem!

Mas, na vertigem da vingança, ninguem escutava.

— Meu Pae, peço-lhe, não consinta! Exclamara Anna Maria, correndo ao pateo e chorando.

Mello, attendendo ao pedido, aproximou-se, levantando a dextra sobre Cyrinão:

— Suspendam!

— Mas, meu pae; clamara um deles.

— Nada! Suspendam. Falei!

E voltando para o infeliz já de pulsos arrojados:

— Foi o que te valeu! Você achou madrinha, este anjo que aqui está, negro atôa, cachorro muito atrevido! Agora, carreguem vocês este fedorento; mande-o furar um borá ou uma tatahira. Que coma todo o mel, dê-lhe, depois, uma

borracha da samborá e bota-o fora das minhas extremas, afim de não sujar as minhas terras.

E o pobre Cyrinão, assim martyrizado, quasi morto da barbara operação, sahyra expulso do Bority do Meio.

## CAPÍTULO XVIII

**C**omplicada a situação.  
Mudanças de governo? Não! Novo Chefe de Policia, novas auctoridades em cada municipio.

Insistentes e circumstanciadas, acodem á Capital terriveis partes de bandoleiras, de roubos, de assassinatos e depredações, desde os logares de fácil policiamento, até os recantos os mais longinquos da Provincia.

Entre essas pezavam bastante as dos Mello.

O Chefe de Policia contra este e contra todos, enfim investe de modo summario. Muda de relance todas as auctoridades ao seu mando, usa de desusada energia, e do delegado de São Romão exige peremptoriamente o cumprimento da lei.

Por um officio reservado, dizia que o município achava-se infestado de criminosos impunes, bem como, devidamente informado de que as antigas auctoridades, mancomunadas com os taes, uns por parentescos, por protecção, outros até pelo suborno e receio de potentados, escandalosamente frustrando diligencias, enxovalhavam o governo num supremo descaso á sociedade; desrespeitando as leis, dellas zombando, postergando-as.

De sobreaviso esperava que a repressão de bandido de qualquer cathegoria fosse um facto, e que agisse, como entendesse, contando com o seu prestigio. Que confiando no zelo, patriotismo, valor e probidade, havia-o para esse fim escolhido e nomeado.

Benedicto Caxito, o novo delegado, recebendo a nomeação acompanhada do officio, depois de lido e trelido esse, tomou logo posse do cargo, entrando em exercicio.

Negociante, fazendeiro e rico proprietário da villa, o senhor delegado dizia-se um homem de acção; respeitado, temido – um cacique!

Alto, corpulento, claro, têtz afogueada, olhos fixos e grandes, cabelo revoltos e vermelhos, magestoso no porte e no falar era atroado, violento, autoritário. Era um justo? Era. Era valente, era patife?

— .....

Nesse mesmo dia da posse mandára recolher no xadrez um ébrio que tombára na beira do Rio, sendo este desumanamente espancado por policiaes e bate-páos.

O encarcerado, melhorando um pouco, mas, ainda esquentado da pinga, vociferava das grades em altos brados:

— Justiça atôa! Justiça protectora de criminosos! Eu sou ladrão, sou assassino, sou bandido? Eu furtei ou roubei, para ser barbaramente espancado.

— Eu bebo cachaça, mas, outros bebem sangue, terra sem justiça! Porque cahi na beira do Rio, mandaram prender-me. Que mal fiz eu? Porque não prendem os assassinos que aqui entram e sahem de dia e de noite, de publicação nas barbas das auctoridades?

E gritou num supremo insulto, num tremendo desdem:

— É porque os criminosos são graúdos, são potentados, ricos, brancos e parentes – a panellada! Miseria! Cadeia desta terra so foi feita para negros e pobres. Façam outros o que fizerem, nada contecerá. Hoje mesmo terá de entrar publicamente, para todo mundo ver, um criminoso de verdade – o Mello! É rico, é poderoso, é parente! Vamos ver se esse tal delegado tem o tapete de mandar prendel-o!

— Pois não! Violla no sacco que elle não é besta! Prôs colletes!... Duvido! Quem será elle o pilão da mamona descascada? Desgraçado!?... Limão com solla! Que terra infeliz, terra maldita, excomungada! Eu não morarei mais nesta aldeia! Não morarei!

No momento deste desabafo chegára ás grades o delegado que tudo ouvira.

A pedido de amigos pessoalmente viera testemunhar o resultado do espancamento do preso, mandar proceder o inquerito e soltar-o depois; mas, indignado com as justas exprobações, nervosamente adiara as providências por mais algumas horas, até que o preso acalmasse mais. Como ainda continuasse no mesmo tom em sua presença, intimou-o:

— Cale-se! Estás deante de uma autoridade; do contrario mandar-te-ei passar a tronco.

— E quem é você para mandar-me calar? Melhor é cuidar da tua vida, porque o Mello vai entrar na villa e você é baixo! Você será o primeiro a borrar nas calças de medo. Delegado de cala-bocca!

O Caxito perdera as estribeiras.

— Entupa, e não sejas atrevido, disse, pondo um dedo nos lábios nervosos e tremullos. Não me irrites! Não conheço você, nem Mellos do mundo que me façam recuar do meu dever.

E exaltou-se:

— Juro por Nossa Senhora da Conceição, a quem peço me dê vida somente até o dia e a hora em que eu o deixar de cumprir.

E ainda cafangou pezado:

— Eh! Com o delegado Caxito pia-se devagar, com jeito. Não se brinca. Não engulo desaforos! Vocês todos: bebedores de cachaça, porreteiros, esfaqueadores, jogadores, assassinos, ladrões, salteadores, larápios, Mellos e companhia... todos, todos na Cadeia! Carcereiro, o prezo continuará por mais duas horas, até que se modere; solte-o depois. Commandante da guarda, logo que o preso sahir, leve-o primeiro á delegacia.

— Prompto! Vossa Senhoria, respondeu o commandante.

Terminadas as duas horas, o preso, segundo ordem dava entrada na delegacia, onde se aglomerava uma curiosa multidão.

No momento em que ia começar o inquérito, um soldado, entrando á sala, pedira licença para falar.

— Falle! Autorisou o delegado.



— Vossa Senhoria, neste momento acaba de desembarcar neste porto um senhor... um velho... que ouvi dizer, se chama Henrique de Mello, e que é, segundo voz corrente, um criminoso de morte. Corri a avizar Vossa Senhoria. Que se faz?

Os olhares da multidão se convertiam para a pessoa do delegado.

O Caxito repentinamente lembrou-se do juramento solemne feito de inda ha pouco ás grades da cadeia á Nossa Senhora da Conceição, de quem era extremamente devoto.

Refflectira um instante; e, empallidecendo, tivera mêdo de morrer, como pedira, em não cumprindo o que havia jurado.

Afflicto, remechera uns papeis, e tomando nervosamente o chapéu, disse ás pessoas presentes:

— Peço aos Senhores a fineza de acompanhar-me até o Rio.

E precipitado sahira á frente do cortejo que caminhou silencioso.

O soldado não mentira.

Nos braços de seu irmão – o Dr. Symphronio, o Dr. Juiz de Direito, novato na Villa e seguido de outras pessoas gradas, transpondo os barrancos, vinha quasi entrando nas ruas, o Henrique de Mello, correctamente trajado de preto: calças largas e curtas, botas de cano alto – cambadas – enorme chapéu de feltro, um guarda-chuva, um lenço vermelho – gravata – preso por um anellão de ouro e esvoaçando-se de vez pelo jaquetão de panno fino cor de garrafa.

Da estatura pequena e do volumoso corpo sobressahia a comprida e alva barba, cobrindo o peito até a cinta; e nesta atravessado um grande punhal, de cabo de ouro, encimando ostensivamente uma cartucheira e a competente pistola taxada de aço. Do formidavel pulso da direita pendia um chicote de corrente e cabo de prata; e, chilenas do mesmo metal, tintillando aos pés.

Nos dedos curtos, grossos e callosos faiscavam brilhantes custosos em anneis de fino ouro, e do mesmo metal vistosa corrente segurava um rico relógio mettido nos bolsos de um collete de damasco.

Grandes bigodes mal desfarçavam a dentadura perfeita. A fronte um pouco obtusa e dura, cuidadosamente escondida pelas abas do chapeo, estava como que sellada pela maldição do ceo: pendida para o chão; olhar em brazas – de fera, pestanudo, desconfiado, olhar da culpa e do remorço; não fitava e nem se demorava um instante em cousa alguma. Falava pouco sem sorrir jamais.

Topam-se os dois cortejos numa involuntária especie de – alto!

O Caxito, dando mais dois passos á bradou energicamente:

— Senhor Henrique de Mello. Vossa Senhoria está pronunciado e preso ás ordens do Excelentíssimo Senhor Doutor Chefe de Policia!

— Qu'é do mandado? Interrogou audazmente o Mello, rangendo os dentes curtos e cerrados, mordendo os beiços a cada palavra.

— Qual mandado? se dois, lidos e consumidos em sua casa com os respetivos officiaes de justiça, senhor Henrique de Mello?!... Demais, sou o delegado de policia desta Villa; e portanto, desta formalidade perfeitamente dispensado. Em todo o caso aqui tem o officio da autoridade superior que Vossa Senhoria não poderá negar.

E o leu. Terminando continuou:

— Penso que, honrado, como deve ser, e estando nas mãos da justiça, não recusará entregar-se.

Mello patenteou de rancor, sentindo como que a terra fugir-lhe debaixo dos pés.

Tremeu! Com a razão e a vista obscurecidas deante do perigo, chegou ainda a balbuciar:

— Meus fi... lh!... mas o momento era supremo.

Desamparado e quasi em supplica, com a voz suffocada na garganta, volveu-se para o seu único refugio, soltando este grito um tanto estridente, tremulo, rancoroso, miado...

— Symphronio?...

— Deves entregar-te a prisão, meu irmão! É mais nobre! Respondeu o doutor.

Perturbado, custou decidir-se; e so depois de alguns instantes, difficilmente gaguejava:

— Sim! Entrego-me!... Você ordena...

E o seu olhar voltando-se para o delegado, olhar terrível, pareceu fulminal-o numa jura: tu me pagarás. Os queixos batiam como se elle estivesse atacado de maleitas, e entre dentes bramiu:

— Estou entregue, senhor delegado!

— Dê-me as suas armas e depois o seu braço, Senhor Mello!

Para o Juiz de Direito que ainda o segurava extactico:

— Com licença de Vossa Excelencia Senhor Doutor Juiz de Direito! Desculpe-me. Trata-se de um criminoso de morte.

O Juiz retirou o braço, qual se mordido por uma áspide.

Entregues as armas e a empanturrada cartucheira, a auctoridade apoderou-se de um braço, enquanto o criminoso estendia o outro a seu irmão.

Fendidos os dois cortejos, agora, enormes pela affluencia do povo, aquella onda dirigia-se para a cadeia, onde deu entrada, o canguçu das brenhas do Burity, no meio de um susurro geral da surpresa de tão importante captura, e contentamento pelo acto de bravura e independencia do delegado, ora feliz, desassombrado; em paz com a sua consciência e seu juramento.

Desabusado o famoso Henrique de Mello!

O Dr. Symphronio mostrava-se consternado; é verdade que desde dias atrás da sua chegada á São Romão, difficilmente interpuzera seus bons officios com as famílias das victimas e nada conseguira; mas, não contára nunca com este successo em extremo amargo.

O Juiz de Direito, alli recentemente chegado e quase ignorante dos factos e que se afeicoára muito ao distincto medico, sentira-se melindrado com o mesmo por não lhe ter diso mais franco, razão porque desde logo separaram-se.

Tomadas as devidas precauções e dobrada com reforços a guarda da cadeia, o preso ficára incommunicavel.

Não sendo a cadeia segura e receioso de um possível ataque dos desastrados filhos apressou-se o delegado em o remettel-o para Ouro Preto.

E assim executára, mettendo-lhe a ferros e despachando-o com uma excellente escolta. Em meio do caminho, porem, mal sahira da villa alguns quilômetros, Mello, homem de uma musculatura pouco commum e rijos pulsos, como sabemos, despedaça as algemas; e illudindo a vigilância dos guardas, consegue fugir durante a noite.

## CAPÍTULO XIX

**P**ior e mais grave a inquietação do povo nas duas margens do Rio com a fuga do criminoso.

De parte a parte estreita-se o campo para denunciantes e para denunciados.

Destes últimos, devora-os uma sêde de extermínio.

A título de agregados são contractados muitos jagunços que noite e dia vigiam a casa do Bority, convertida assim em uma especie de fortaleza.

Cavaram-se trincheiras; isto é boracos subterraneos e nas paredes. Os subterraneos num caso de fuga, e de paredes para a resistencia.

Para evitar desconfianças, os jagunços não appareciam, agachados e escondidos á conveniente distancia, no matagal, mettidos em choças de folhas e ramos, promptos ao primeiro signal.

Apparentemente quem de dia, porventura, alli chegasse, nada denotaria, sinão portas e janellas escancaradas ao vento num pesado silencio.

Raras vezes ao longe, se distinguia alguma voz de mulher ou o barulho soturno de aves domesticas.

Entrada a noite, cessava todo o rumor; e só então, então cautellosos ahi penetravam essas turmas alugadas para a morte.

Era da estratégia.

Mello, desconfiado e prevenido dormia fóra.

A prisão custara-lhe um desapontamento horrivel.

Andava apaixonado, casmurro, desgostoso, refugiando-se nalguns de seus sítios, evitando notícias e indagações.

Quasi que não passava com a família; e quando por acaso isto acontecia, assim que a tarde esmorecia nas brumas do deserto, beijando as grimpas caladas da floresta, elle, religiosamente ia prostar-se junto ao cruzeiro, e so ás Ave-marias, recolhia-se ou desaparecia, conforme o costume, no extremo do campo.

Andava inconsolavel.

Dona Mariasinha e a filha eram as unicas pessôas menos agitadas.

Os rapazes, esses, conjurando o perigo, como guardas avançados, suspendiam suas redes no laranjal, onde tarde recolhiam-se, madrugada velha de suas correrias e deboches.

Os dennunciantes também não descançavam.

Frustrados todos os planos, exgotados os meios, viram-se ás bordas do abysmo.

De uma hora para outra esperavam esboçar-se uma calamidade; porquanto, o governo nunca previne males; ataca-os com proveito ou sem elles e como esses... tão longe de remédios, então, é que o caso torna-se irremediável.

A fuga do Mello creára-lhe uma posição esquerda, forçada e quasi intransponível: ou morrer, ou matar e vice-versa – era o lema.

Havia meses que aqueles fazendeiros, obrigados a ter e sustentar gente armada, por mais tempo não aguentariam, dispendendo quantias avultadas.

Perderam a paciencia.

Dahi a deliberação – o recurso único arbitrado – eliminar os Mellos, começando pelo pae.

Antes que tal acontecesse, tentaram ainda novos esforços: – novas dennuncias para Ouro Preto, expostas com a maior clareza e simplicidade, desenhadas ao vivo, ao extremo.

E esperaram.

Emquanto esperam, um novo facto alarma a villa de São Romão.

## CAPÍTULO XX

O delegado Caxito andava também sobresaltado desde aquella maldita fuga do Mello.

Razão de sobra. Mello, com a omnipotência uma vez offendida, não mandava fazer; eis, porque, como auctoridade, a toda hora andava prevenidissimo.

Como negociante, e portanto, sempre exposto, de dia não tinha receios; mas de noite, a cousa era um tanto séria.

Para livrar-se de um imprevisto, tangia seu commercio do seguinte modo: sendo a parede do edificio um pouco grossa, nella mandara praticar uma fenda larga, onde collocára uma gaveta com o fundo para fora; de modo que, quem comprasse à noite, estando o estabelecimento fechado, recebia por intermédio da gaveta o que precisasse, antecipadamente feito o respectivo pagamento; isto mesmo em caso de provada necessidade.

Livrava-se dest'arte o negociante delegado das ciladas de que receiava.

Providencia justificada!

Sempre vigilante, quasi sem dormir, assim curtira uma bôa temporada.

A lembrança não o deixava.

Um dia, horas mortas de uma dessas vigílias, elle ouvira certos rumores, como de alguém trepando por uma agua-furtada do visinho.

Escutára bem; e, attento não se enganára.

Pareceu-lhe em principio o ruído leve de um gato, amaciando, ou insinuando-se sorratamente ruma á sua casa, cujo telhado ganhára sem difficuldade, rumando certo em direção ao seu quarto de dormir.

De pés descalços e deixando o leito, dirigio-se a um canto; tomou uma espingarda e preparou-se, olhando e examinando cuidadosamente toda a coberta.

A lamparina ardia fracamente em cima de uma pequena meza, encostada ao ângulo da parede.

O barulho quasi imperceptível, obra de ladrão manhoso, ora parava, ora recomeçava, sutilmente sondando.

De repente, quasi em cima de sua cabeça, uma telha desuniu-se levemente, mostrando alem o scintillar de uma estrella no azul do firmamento.

Nada mais a duvidar. Ladrão!

O delegado firmou bem a pontaria naquelle rumo; e, quando uma sombra duvidosa interceptára a luz da estrella elle corajosamente sapecou fogo.

Quem recebera as encommendas, abrira de carreira, quebrando tellas por alli afóra, saltando em terra com estrondo, fugindo pela rua em desaballada carreira.

Ao amanhecer, um rasto de sangue que se estancára denunciára a tentativa de roubo, cujo auctor não mais se adivinhára!

— Quem?...



## CAPÍTULO XXI

**E**m seu retiro do Brejo, Henrique de Mello acabára de assignalar pela manhã, inda cedo, uns bezerros do curral; e com o trinchete e mãos sujas dirigia-se a uma pequena lagôa um pouco distante.

Com a cabeça descoberta, sem casaco, mangas da camisa arregaçadas, alli baixára, lavando o sangue.

A essa hora, espreitavam-no da espessura das moitas dois individuos: Alfredo e Florencio Gomes, todos bem armados.

O primeiro, portuguez, professor ambulante de fazendas, ensinando meninos, latagão valente e amestrado em jogos de armas brancas e contratado para liquidar o Mello.

O segundo, dalli mesmo residente e da familia de José Caetano nosso conhecido, ameaçado e constante da lista negra dos Mellos.

Acompanha esse o Alfredo que não conhecia o Mello, a fim de indicar, ajudando, se porventura necessario.

Muitos dias que andavam de tocaia, sem uma occasião propicia, rondando as cercanias do Brejo, até que afinal chegára o momento desejado.

Seguindo o carreiro e esquivando-se pelas moitas, pararam a uma curta distancia. Segredára o Florencio ao Alfredo:

— O homem é aquelle! E apontou.

— É aquelle velhote feio, barbudo e em mangas de camisa?... Um varra! Mas, qual! Aquillo non daire pr'augustaire.

— O senhor engana-se; va seguro, por que é valente, de muita força e muito dextro. É um gato selvagem e tem coragem.

— Vi'vagem, sór Florencio!

— Já lhe disse, senhor Alfredo! Não se fie.

E o portuguez avançou, deixando alli escondido o Florencio.

Já ao pé do Mello, agachado a beira da lagôa, banhando o rosto, saudou-o:

— Vum dia!

— Bom dia, senhor meu! respondeu o Mello.

E em seguida, levantando-se, após curto silencio:

— Desde que piza as minhas extremas, creio que tenho o direito de perguntar pelo seu nome e de onde vêm?

— Chamo-me Alfredo e benho do lado dos Caetanos.

— Ah! Do lado dos Caetanos!... meneou o Mello a cabeça.

— Pelo seu sotaque vejo que é também portuguez: um gambá que cheira o outro! Infelizmente corre em minhas veias esse sangue degenerado.

— Portuguezes!... são todos uns ladrões, uma raça condemnada, raça ruim, maldita!

— Mas, sór neste caso insulta-me.

— Não insulto; digo a verdade.

— Sór é que é o Henrique de Mello?

— Um creado para o servir. E o senhor, a que vêm, uma vez que piza minhas terras?

— Pois, estimo savene; o que traz-me aqui é um ajuste de contas com os Caetanos e barios fazindeiros aos quais o Sór perseguido.

— É uma injustiça. Não é verdade. Elle e outros seus amigos é que tem nos perseguido, a mim e a meus filhos que não lhes fizemos mal algum. Vejo que o senhor tem ares de quem quer aggreir. Diga-me: não lhe doerá a consciência molestar, ou matar digo antes, a um velho de quase oitenta annos com um pé ja na sepultura?

— Ora, se ja está com um, pouco falta para cahire dentro della com todos dois.

— Não duvido! Se Deos for servido, cahirei. O senhor é bastante atrevido!

— Ura, estou a perdeire o meu rico tempo a combersaire com um malvado!...

E sacando de um punhal atirou um golpe que foi magistralmente aparado com o trinchete, arma unica do Mello.

Trava-se a lucta. Lucta de vida e de morte, intensa e rapida.

Mello defende-se com maestria admirável; e de quando em quando, retalhando, ferindo vantajosamente o inimigo, inutilizando-lhe toda a sciência de botes duellista.

Encolerizando-se o Alfredo, vendo clara sua derrota, desanda confiado um rabo de arraia, jogo fatal na capoeira.

Foi infeliz.

Perdeu o jogo e ganhou um profundo talho de trinchete, vibrado no pescoço por mão de mestre.

O sangue corre abundante.

O portuguez, de olhos esbugalhados, injectados de ira vio o mundo girar-lhe em torno. Uma tonteira immensa!

Tudo perdido!

Arremesando o punhal para longe, redondamente sem sentidos, tombára aos pés do Mello.

Este calca-lhe um joelho sobre o peito, prende-lhe todos os movimentos; e, alçando o trinchete, victoriosamente disse com a maior calma:

— O senhor veio matar-me e sem esperar ignorava fosse hoje o seu derradeiro dia. Se és cristão, reza com bastante fé o acto de contrição e o Credo depois. Anda, reza depressa o credo, depressa, porque quando disser na vida

eterna já te terei dito: amém!... Veja, agora, como se mata e também como se morre!

E levantou o braço, mas, não teve tempo de descel-o, morrendo instantaneamente, trespassado por uma espada.

Era Florencio.

Florencio, vendo a perdição do companheiro, sahiu do esconderigio, e sem ser pressentido do Mello, enterrára-lhe o ferro pelas costas.

Apressadamente retira o Alfredo ainda vivo, arrasta-o com dificuldade, banha-lhe as feridas, da-lhe um pouco de agua para mitigar a sêde, e esconde-o em lugar seguro.

O perigo de ser descoberto era eminente.

Embrenha-se na floresta e por desvios e chega até os seus, que acodem em socorro do ferido, transportando-o quasi morto em uma rede.

O cadaver do Mello la se ficára, frio, hirto, espetado no ferro que não fora retirado, na posição de um bruto, de quatro pés, sustentado sem cahir de todo pela comprida lamina para mais da metade fincada no chão negro da lagôa.

Ao anoitecer desse dia chegaram das bandas de Paracatú ao Bority os filhos do Mello, estafados de suas pagodeiras.

Apeiaram-se perguntando a mãe pelo pae.

— Você não sabem qual o costume máo de seu Mello? Deu pra caduco. Sahe por esse mundo de Deos dias e dias, sem se lembrar de casa la pelo retiro do Brejo. Mandou dizer-me que hontem vinha e até agora nada de chegar. Ja é noite. Ninguém sabe se estará doente ou se aconteceu-lhe alguma cousa. Achava bom que vocês fossem atraz dele, se não chegar ainda hoje.

— E nada mais de novo, mamãe?

— Que eu saiba, nada de novo.

Tomando um relativo descanso, recolheram-se ás suas redes occultas no laranjal, concordando todos partir para o Brejo, caso o pae não apparecesse durante a noite.

## CAPÍTULO XXII

**A**ssim acontecera.  
Mello não viera.

Ao romper da aurora, sellados os cavallos, seguiram para o Brejo.

Ao chegar estranharam logo a casinha escancarada e tudo silencioso.

Num canto da sala a rede onde o pae dormia.

Gritaram por elle.

Nenhuma resposta.

Seguiram até o curral.

A biserrama, presa e ensanguentada acodiam aos mugidos das mães com os focinhos estirados por cima das estacas.

Examinaram.

As pegadas do pae pareciam de fresco, dirigindo-se para a lagoa distante.

Foram lá, encontrando o cadáver do vello naquella miserável posição e alterado ja pela putrefação.

Um clamor nesse ermo!

Lastimosos, arrancaram o ferro collado ao corpo; este conduziram-no piedosamente para a casinha, depositando-o na rede.

A espada – facão de Florencio – fora logo reconhecido e portanto, descoberto, denunciando um criminoso!

Mas, o chão onde se déra a lucta estava com as hervas e relvas amassadas, despedaçadas e nodoadas de sangue coagulado.

Não havia duvida que a lucta fora formidavel e a convicção segura de mais um companheiro um nesse assassinato.

Feito o exame no cadáver, nenhum outro ferimento mais encontrado, sinão uma cicatriz ainda de fresco no hombro direito produzida pela bala do delegado Caxito, quando no telhado de sua casa, em São Romão.

Conduzindo o corpo para o Bority, nesse mesmo dia, effectura-se o enterro ao pé do cruzeiro.

Entre lagrimas e solluços resolvido definitivamente o exterminio de todos os inimigos.

Os Gomes e diversos fazendeiros, receiosos de vinganças aballaram-se para São Romão, levando o Alfredo em estado grave pelos ferimentos recebidos, o que foi divulgado logo.

Os Mellos correram ao encalço dos fugitivos e ameaçaram a villa para entregar-lhes os criminosos, especialmente Alfredo e Florencio.

O povo não permittindo semelhante absurdo, levanta-se amotinado e torna armas.

As auctoridades despacham um emissario que viaja noite e dia para Ouro Preto, em busca de socorros.

Os Mellos fatal e ostensivamente apresentam-se ao lado opposto do Rio em frente de São Romão. Atravessam um pouco acima com cerca de setenta jagunços, desembarcando no lugar denominado Pedra Grande e aproximam-se até a curta distancia de um kilometro; mas, a Villa, fortemente entrincheirada, esperava com denodo o ataque.

Resistência formidavel e certa a derrota. Seria uma temeridade, uma estupidez.

Em tempo reconheceram os attacantes o impossivel e retrocederam, mudando de tactica.

## CAPÍTULO XXIII

**S**ciente o Chefe de Policia da fuga do Mello!  
E reflectira seriamente impulsionado sob a gravidade dos factos, quando novamente recebe noticias alarmantes do cerco de São Romão.

Ao seu character de auctoridade eminente, impunha sem mais contemporisações uma providencia energica e salutar, sobretudo deante da repetição de disturbios; de que se lamentavam consequencias.

Decidira, pois, agir incontinenti a bem da ordem publica ameaçada, despachando um destacamento de cincoenta praças sob o commando de um tenente, para o theatro dos acontecimentos do extremo norte, no longinquo sertão.

A noticia circula um segredo entre as auctoridades da villa; mas a noticia tambem é trasmittida aos Mellos por parentes, carregada com côres pouco comuns.

Os desvairados e vaidosos moços receberam-na mofando:

— Qual governo, qual nada! Governo? - Nós! Ninguém morre de caretas. Cucas não nos mettem medo. Emquanto não vingarmos a morte de nosso pae, custe o que custar, hão de aguentar com a nossa xaropada.

— Venderemos caro a nossa, mas venderemos mesmo.

— Dez contra um - é certo!

— Resistiremos o proprio governo, não resta duvida.

— É noticia que não tem importância.

— Que venha! De seus cachorros não correremos.

Taes os palavreados.

E o tempo deslizou-se.

Elles recommencaram ajuntar mais jagunços para um saque geral nas fazendas abandonadas dos inimigos.



## CAPÍTULO XXIV

**X**ico Extrema, um dos indigitados pela lista negra, com o movimento de perseguição implacável fora um dos muitos que se retirara para longe, mais por prudencia do que receios sérios na questão.

A morte do Mello, porem, abrangiu seu nome com os dos demais num bolo só.

Portanto, condenado, sem ter muita consciência disto e sem remissão.

Era um homem de recursos e independências pecuniárias, honrado e justo.

Meras desconfianças dos Mellos, fundadas e quase convencidas por essa fuga precipitada entre os inimigos, indigitando-a como um dos maiores responsáveis.

Entrementes, recebe o Extrema recados de seu vaqueiro avisando que sua fazenda, segundo voz corrente ia ser saqueada; que, por prudencia, convinha acodir mas, levando gente armada, afim de garantir ou retirar o gado nella existente e mais alguma cousa que julgasse de maior necessidade; afinal, que se apressasse, enquanto os Mellos andavam pelos confins do Gorutuba á cata de mais jagunços.

Chico, moço ainda e impetuoso não trepidára um instante e imprudentemente partira só, apesar de aconselhado, entrando na zona contenciosa.

— Não gosto de bandidos, dizia; nada lhes devo, tenho a minha consciência serena e corro atraz do que é meu, portanto. O resto – patacoadas de malvados!

Em meio da viagem, quase avistando suas terras tornára, cedo, descançar um pouco, a casa de um lavrador – o Domingos, seu conhecido e delle inquiriu a verdade do que occorria durante sua ausência.

Domingos apavorara-se, mal o vira apeiar-se.

Sem corresponder ás saudações, de olhos esbugalhados e ares de consternação, brada lastimoso; lamuriento:

— Seu Xico, por Nossa Senhora! Seu Xico! Vancê teve corage de travessá o Rio e chegáres inté aqui? Que qui veio fazê, moço de Deos? Vorta, seu Xico, c’os Mello anda por ahi! Tome cóidado, prunque o negoço é iscaroso; e se elles lhe encontra, seu Xico... ai! ai!... difuncto Xi...co!... difuncto Xic’ixtrema!

— Qual defuncto, nem bananas! Respondeu o Extrema, amarrando o cavallo a um moirão, você de nada sabe e tem medo. Eu nada devo, Domingos! Demais, o governo acaba de tomar providencias serias em tudo isto.

— Inhô? Porvidenças? Poi’sim, porvidenças! Vancê inda si fia ni porvidenças, tão jurado comu anda? Isso é uma timeridade, e convém in’antes que vorte e s’aretire neste instante, pru quê os Mello anda no seu rasto lhe caçano, cumo papamé. Elles não tarda apparecê e chegá nesta casa. Ja demora. Vá-s’embora Seu Xico!

— Seu Xico! clamou lagrimosa a mulher do Domingos, meu marido seu Domingo tem rezão; nós não pode agaranti o sinhô ni nossa casa; apois, a gente é pob’e e come desfeita. O senhô va-s’embora pó lo amô de Deos! Oxente!

— Mas, vocês estão correndo commigo da porta?

— Ora veja, home! Ora veja, vancê. Correno cum vancê, cumas in quando? Deos nos livra! Nós não é capais!

— Eh! Seu Xico! É verdade o que a mulé stá dizeno: Nós não é capais, atalhou o Domingos. O que nós não qué é qu’ancê diga ô dispois que nós fumo triçoeiro, que não encontrou-le quem avisasse. Eu também acho bão qu’ancê deve ir embora. A minha mulér stá é li rogano!...

Tal a sinceridade destas palavras que o Extrema não vacillou mais, e so então reflectira que talvez andasse errado. E, partira quasi a gallope em retorno.

Nesse instante, inda longe la pelo centro da floresta ouvio-se distintamente um grosso ganido de cão de caça.

— Os Mello! L'é vém elles! Eu não disse? Clamou aterrado o Domingos!

— Virge Nossa Senhora! Domingo! Seu Xico, agora, que seraes de nós?

Extrema, bastante afflicto, desatou o animal; e novamente cavalgando, partira a gallope, retornando.

Mal se sumira na curva da estrada que um tropel de cavalleiros tomára a porta.

— Adeos, Domingos!

Domingos, pallido como um defuncto, tremia; quase não podia falar.

— Ô seus Mello! Vancês adeos! Queira s'apiá.

— Não! Vamos adiante. Como vão as cousas?

— Inhô?...

— Como vão as cousas?

— Seio lá?... Vancês qu'é grande é que sabe. As coisa vão cumo vão.

— Ainda não chegaram por estas bandas alguns cachorros do governo?

— Inhôr?... do governo... ah! La isso, inhôr-não! tudo em pais.

— E quem andou aqui de fresco? indagaram.

Domingos, trocando um olhar intelligente com a esposa, respondeu desconsollado:

— Ninguem!

— Ninguem! Já sabemos. Certo, gente que não presta.

— E quem sabe, gente dos Gomes? disse um delles.

— Ara, ninguém!?... replicou um outro; e esse cavalleiro que daqui sahiu e esteve com o cavallo amarrado alli? – E apontou – Olhem lá... Domingos não pode responder, nem negar.

— Turco! Turco! Turco! Aqui, lé! Busca! Ferra! Upá...

Um cão de filla, salto de uma trella, farejando o rastro do Cavallo, alinhára estrada afóra.

— Domingos, até outra vista! gritaram aquelles cavalleiros numa arrancada.

— Inté outra vista! Vancês não quizero s'apiá?...

— Não! Temos pressa!

E novamente estimularam com força ao cão que desaparecia alem:

— Busca Turco! busca! Ferra! ai ô...

E lá se foram elles em disparada.

— Difunto fallecido Xico Istrema, m'ea veia, exclamou Domingos consternado.

E applicaram os ouvidos naquelle rumo da floresta: – o buscar furioso do cão e momentos decorridos, sinistramente, compridamente, uma descarga!

O Xico cahira na balla pora imprudência, assassinado por mera suposição de conivencia com os demais collegas, como dissemos.

E na balla morrem outros e á traição: Felipe Gomes, Romualdo, Espiridião e ainda outros mais que não haviam se retirado. Não satisfeitos de tantas victimas, procuravam os Mellos a todo transe o Florencio e o Alfredo, este ultimo então difficilimo pela protecção dispensada em São Romão.

## CAPÍTULO XXV

**U**m rumor de festas, as famosas festas da Senhora Sant'Anna do Paracatú!

As solemnidades já não se celebravam com o fervor de outros tempos em que famílias inteiras dos arredores de mais de dez leguas corriam a ouvir a missa, á procissão, aos cantares e folguedos.

Não obstante, de quando em vez surgia um anno em que, segundo o sorteio, o festeiro eleito tudo animava por uma posição de destaque ou influencia popular.

Esse anno fora o da bôa sorte, arrebanhando devotos da Santa, gentes de longe, e também os devotos da pinga, dos deboches e das orelhas de sotta; mesmo assim, bem distante do antigo esplendor.

O Paracatú – indesejavel pela concorrência dos Mellos!

O povo um pouco retrahido por isto.

Já um destacamento policial por varias vezes dera por lá umas batidas sem resultados; razão porque esses dennunciados, renunciavam já frequental-o, como dantes discripcionariamente.

Assim sendo, uma espécie de garantias ou de conffiança removia dessas cinzas do passado o receio de costumeiros desastres.

Tão versateis quanto ingenuas, vagabundas e alviçareiras conversas de um sumptuoso banquete, começára a circular, bolindo, conclamando a todos, até pessoas interdictas, socialmente falando.

E logo, quem! Entre essas?

O Florencio... por sua condição excepcional de assassino reconhecido do Mello.

Resguardado pelo patrocínio de pessoas de dinheiro e de influência em São Romão, definhava-se amedrontado de susto, curtindo nervosamente uma vida isolada, ainda mesmo garantida.

As péias do remorso varavam fundo o coração irrequieto ao susurro da aragem, ao estalar do graveto, no agreste, desconfiava de todos e de tudo; da pedra, da treva, da luz, vendo o phantasma do Mello nas vagens e lagôas, em qualquer poça d'água, no copo d'água que bebia, em tudo o frio germe do almoz atrás de si, acima de sua cabeça, atrás ou pela frente, occulto em qualquer tronco, ameaçando-o do ôco do páo, da toca da rapoza, do topo dos cupins, do emaranhado das selvas com que, obrigado, não se familiarizara jamais.

Tal sua existência de criminoso solitário, ora alli, ora acolá, dormindo atôa, ao relento, á chuva, ao sereno, extragado de carrapatos e borrachudos, de espinhos, de logares incertos e sempre, sempre, apavorado, julgando-se trahido, inseguro, errante e espionado.

De vez em quando nesses ínvios degredos chegavam-lhe noticias de ameaças terríveis: Ai delle! se cahisse um dia nas unhas dos Mellos!... Ira de Deos! Um dia de júzo!

A par de tudo e a despeito de tudo, este mesmo Florencio, açulado pela tentação, obstinára-se em também as festas do Paracatú.

Despejaram-lhe conselhos e um sacco de pavores; elle não escutára conselhos, nem estivera pelos pavores de ninguem.

Sentia o cheiro e bebia os ares pela festa.

Resistio? Foi!

Festa muito concorrida!... gente muita!... Não havia perigo! Dizia-se.

Mellos, escorraçados! Não se animarão a tanto.

— Florecio, Florencio!... olha lá Florencio!... Bom não ir! sentenciavam...

— Qual! Isto não! Vou eu! Respondia teimosamente.

Sabendo remar toma Florencio uma canôa e com precaução seguira para a festa.

Era noite, quando saltára em Paracatú.

Incógnito, mettu-se no burburinho da gente que formigava por todos os cantos do pequeno arrayal.

Foguetes, rezas, ladainhas, violas, cachaça, vivas, gritos de alegria ferviam. Florencio andara em tudo aquillo até á casa da festa onde comeu e bebeu á vontade, sem ser incomodado nem reconhecido.

Convencera-se de facto, de que reinava a maior harmonia e demorara-se até tarde, quando aquella folia começava a esmorecer.

Noite sem luar!

Cansado, mas, satisfeito, julgou prudente retirar-se.

Retirou-se! Procurava o porto de embarque quando, sem esperar, é agarrado por uma patrulha.

— Bravo! Oh! que achado! disse um da patrulha; andávamos a tua procura, ha tanto tempo! até que enfim!

Mesmo na escuridão, Florencio reconheceu a voz e o vulto do Quintino de Mello e logo mais os de seus irmãos.

— Estou perdido! Pensou elle, e sem remédio. Estou morto! Quis retroceder e não pôde, tremendo de medo.

— Desarmemos este malvado! Bradou Quintino, correndo-lhe a cinta e arrebatando-lhe uma garrucha e um punhal.

— Tiremos-lhe depressa o casaco e a camisa, adiantou Lucilio.

— Miseravel! Você deve conhecer este facão, vociferou Antonio, apresentando aquella espada que arrancára ao cadaver do pae.

— É aqui desgraçado! disse Rodrigo apalpando as costas desnudas. É aqui, no mesmissimo logar, onde você, em meu pobre pae cravára o teu ferro; e eu quero ser o primeiro a cravar em ti e devagar. E desembanhando empunhou o facão-espada.

— Se gritar, não chegará pra defuncto. Te reduziremos a mingáo num abrir e fechar de olhos!

Florencio chegára ao seu ultimo instante, sem misericorida, sem appello.

Nestes apuros, vazando as trevas com os olhos, esbugalhados, espantados, reconheceu sua arma predilecta.

E pensou ainda: “quem com ferro mata, morre pelo ferro”. A sentença estava alli infalível.

Um calafrio correra-lhe pela espinha dorçal – minando um suor viscoso e gelado.

Tremia! Ia morrer do mesmo modo ou peor que o Mello, seguro por vigorosos pulsos, pulsos de Tamanduá Bandeira.

— Já tu tremes, patife? Sarcasmou o Isalto; passe-me este facão, Domingos! Eu quero ser o primeiro.

— Não, este serviço é meu, clamou o Lucilio. — Da-me o facão.

— Não senhor! É meu, bradou Antonio.

— Nenhum de vocês! Terminou Quintino. Aqui stou. Só eu tenho este direito. E apalpou o logar pelas costas afim de vazar certo o coração.

Nesse instante um borborinho surgio repentino, estourando em uma das ruas próximas, alarmado voltava do barranco e uma voz de commando bradava á frente:

— Quem está lá? Faç'alto!

E ouviu-se bem distincto o retinir de uma espada.

Muita gente correndo a praia, num vozerio infernal!

Os Mellos, não contando com a força policial, largaram o Florencio e fugiram desorientados a todo o panno para o Bority.

E no entanto, nada mais que uma pequena rusga de beberrões e nella um certo Floriano, famoso jogador de espada, que na pinga vociferava um tanto embriagado.

Mesmo assim, divulgara qualquer cousa desaparecendo de carreira nos Mattos; e topando num homem, aquella hora, de pé, nu e no meio da estrada,



continuára a berrar mais valente com um vozeirão e pabulagem grossa, brandindo a espada e collocando-se ao lado do Florencio, que não conhecia.

— Se até agora não morreu, não morre mais!

E depois com enphase cachaceira, gritou para os Mattos:

— Cheguem, canalhas! Cheguem todos á barra deste tribunal! Venham todos passar na ponta do bizzo do meu punhal!

Florencio, assim lográra-se salvo, não contára fiado.

Desandou de carreira uma légua, Rio acima. E foi-se com os diabos naquelles sarandys espinhentos e unhas-de-gato da vasante.

## CAPÍTULO XXVI

**C**om os reforços de Gorutuba mantinham os Mellos em pé de guerra uns duzentos jagunços, numero esse julgado sufficiente para o projetado varejo e depredações das fazendas de seus inimigos.

Assim preparados, o ataque não se fez muito esperar.

Varando os campos e roubando os gados em geral, recolhiam-nos aos magotes, no sitio do Brejo d'onde eram retirados depois para a invernada da Covoanca.

Levanta-se a indignação clamorosa do povo, e nisso ajunta-se uma reunião decisiva, nella tomando parte também fazendeiros e agricultores expatriados.

Então, discutida a situação, aconselhados e ao mesmo tempo ajudados pelo consenso unanime, resolveram de uma vez por fim na contenda e não mais aturar os Mellos, fossem quaes fossem as consequencias.

E tomam armas.

Em poucos dias um pequeno exercito de duzentos e cincoenta homens, aballa-se de Paracatú para o Brejo, onde por escutas, sabia-se de vésperas estavam os jagunços, accumulando um considerável roubo.

Conhecemos com antecedência o sitio, onde em marchas regulares e sem incidentes acampára-se o exército, ao meio-dia sob o commando de Joaquim Extrema, irmão do desventurado Xico Extrema.

E... na unidade. O gado alli estava e muito numeroso, enchendo a manga; e a excepção de uma berraria, tudo o mais silencioso; isto é, ninguem apparecia.

Tomado o antigo casebre do sitio para quartel general, receioso de algum estratagema, o Joaquim Extrema tractara logo de entrincheirar-se com a sua gente, e em ordem de batalha, nas roliças e resistentes estacas da manga.

Tudo preparado!

Pelo resto do dia, ninguém!

Desconfiou-se.

O desfecho seria á noite como sem duvida; e portanto tudo alerta e com a maior precaução; pois, não era possível que, com o contingente de que dispunham, os Mellos recuassem.

Esperou-se. Entardecera. E sempre o mesmo silencio. Um luar esplendido.

Branças tendas de nuvens, impellidas pelo vento derramavam pela terra passageiras sombras illuminadas; e depois, como por encanto, resplandecia na floresta, suavemente lavada por uma onda de luz, qual a leite e neve, numa brancura celestial.

O orvalho gottejava scintillante nas hervas e folhas do capim e myriades de larvas e pyrilampos com suas minúsculas lanternas azues, estrellejavam as penumbras dos charrascaes.

Da trincheira via-se bem e a limpo, muito destacado numa valla de cerca um xiqueiro de bezerros, sombreado por uma formosa e copada gamelleira.

Do casebre – quartel general – situado numa pequena saliencia contemplava-se o panorama da noite envolta na poeira gloriosa do luar, divisando as águas rasas de uma vereda.

Continuava o silencio.

Tarde! muito tarde... horas mortas... um pouco além da meia noite!...

A fadiga da jornada enlanguencia os membros dos patriotas voluntários e um somno reparador visitava-os.

Ás duas horas da manhã, ninguém mais acordado, apesar da ordem expressa ao General Extrema tambem cochilando e quase a dormir.

É que o generalissimo somno dava contra-ordem e ao commando superior, quem resistio?

So o medroso Levindo, verdadeiro maritaca.

O Levindo, um desses typos populares, da rua, incorrigivel conversador, valente de proezas de bocca – um contador de lorotas, um marechal da cachaça e um patifão de primeira.

Levado na onda e mettido na expectativa de um combate, não imaginário, porem certo e não duvidoso, tinha os olhos bem arregalados e medrosos para a estrada; para os mattos, para as moitas, para os currais, para a manga, para todas as duvidas e sussurros da meia noite, até para os trilittar dos grillos.

E... corajosamente segurando as calças.

Não dormira, não poudera dormir, ora estirado, ora agachado no chão por entre as estacas, espiando ao clarão do luar as menores mudanças de luz.

De repente, nesse afflictivo mal estar, olhando além, divisou um vulto a correr para seu lado, saltando a manga, amparando-se ás sombras do estacado, ganhando o xiqueiro e como um gatto trepando gamelleira acima, onde se aninhára.

Depois um outro, outro mais, dezenas, e de carreira, pelo mesmo caminho.

O canno das espingardas reluziam.

Não havia mais duvidas: Mellos e jagunços. Era hora!

O Levindo, assombrado, num cansaço de suores frios e dor de barriga, de gatinhas e coxixando percorria o acampamento e com difficuldade acordára o general e outros chefes.

Emquanto isto, um tiro mandado de cima da gamelleira.

Uma balla arrebatára o chapéo de couro ao Levindo e passou cantando o seu hymno de morte. Elle, medrosamente e a esmo, respondendo para a gamelleira o desafio, estirou-se no chão, clamando? Stou morto minha gente!

O tiro acordara o exercito e uma descarga soberba e destemerosa queimou na certa, numa vibração de desafios de parte a parte.

O gado espantou-se; e num arranco pavoroso, derribando troncos grossos disparou pela floresta.

E o páo vibrou curado, o fogo vibrou cerrado, violento.

Os primeiros clarões da madrugada recrudesciam, quando um toque de corneta exturgira.

Um movimento de surpresa e entusiasmo.

Era a força pública, vindo de Ouro Preto, que, chegando de Paracatú á marchas forçadas, entreva em fogo, reforçando o exercito popular.

Apertado o combate.

Mellos e jagunços viram-se perdidos; e fugindo em um alarido incrível, deixavam alguns companheiros espichados e feridos no campo de lucta.

Amanhece.

Dentro da folhagem da gamelleira, ainda ao lusco-fusco, um vulto ainda permanece com arma engatilhada e em pontaria.

Intimado a descer ou morrer.

Como não respondesse, foram la examinal-o.

Era um morto com o craneo esfacellado, a victima inconsciente do Levindo – agora o mais valente do exército, pois que de facto a resposta ao desafio dera aquelle efeito.

Apeiado da trincheira aérea, verificou-se: um dos Mellos – o Lucilio, a quem deram sepultura com outros.

O exercito, caso virgem, somente tivera diversos feridos, scindindo-se pela táctica em dois sobre as ordens do tenente commandante da força policial, decidindo-se ir ao encalço dos fugitivos e dar-lhes combate.

Uma columna marcharia para Bority e a outra cortaria a possível retirada pela covoanca.

Para esse fim fora escolhido o bravo líder o João do Arrozal, conhecedor daquela situação e passagens.

Reparadas devidamente as forças, de novo marchára o exercito e desta vez bastante instruído.

## CAPÍTULO XXVII

Poucos dias que o Dr. Symphronio, por um positivo, novamente exortára aos sobrinhos que se retirassem para o interior, desistindo de toda e qualquer tentativa de resistencia á força publica, despachada contra elles, e que nada poudera mais obstar, segundo ordens terminantes do Chefe de Policia.

Nada de loucuras! Prudência, prudência muita e sem perder tempo e esperava que seu pedido insistente fosse attendido.

O positivo voltava simplesmente com a resposta e de bocca: É tarde! Não podemos attender ao tio. Resistiremos até o fim.

Outros parentes, os de São Romão, condoídos, embalde haviam tentado o mesmo sem resultado.

E não houve rogos.

Não se retiravam; apenas puzeram em logar seguro a mãe e a irmã para agir com liberdade.

Corridos do fogo do Brejo, estavam convictos de que seriam perseguidos e concentraram-se no Bority como o reducto que os guardava.

Não sendo longe a distância passavam todo aquelle dia limpando as armas, concertando e abrindo trincheiras novas na casa, preparando convenientemente os subterraneos.

Comandados por seus jagunços de maior confiança, oitenta combatentes foram despachados para a Covoanca, afim de a todo transe defender a invernada, se porventura qualquer tentativa de ataque por la chegasse.

Essa providencia julgaram-na de uma feliz lembrança.

Tomados os devidos reparos e imperativos bellicos, os espias sondavam a estrada e demais fronteiras, onde não tardaria apparecer os primeiros soldados.

O sol nessa solidão descambara num ceo claro e limpo de uma tarde morena e graciosa.

Vagos redemoinhos, levantando o pó vermelho das terras dos gerais, rodopiando e brincando nos ramais dos taboleiros, levantavam no espaço uma columna de partículas luminosas por onde, ora subiam, ora desciam numa dança voluptosa as folhas seccas exilladas das arvores e o algodão, côr de canella, das paineiras.

Como todas as cousas alegres e que não se alteram nunca, a natureza sorria na infinita brenha. E porque mysteriosa dissimulando cores nos dilatados horizontes, ora prevalecia á luz feerica do poente, ora empallidecia ao fulgor das tristes róseas crepusculares que se aproximavam.

O vento geral soprando do occidente e na derrota, de quebrada em quebrada no fragor e pendores do infinito Valle como que trazia pelo espaço um som duvidoso, num ressoar de tormenta ao longe, de uma catastrophe extensa, de um surdo estranho ou um tremor de terra.

A principio, pela distancia, covo, soturno, baixo, fraco, interrompido, quase imperceptível.

Depois numa rajada mais violenta, ora espaçada, ora célere, imprecisa, mas, energica, inelludivel, enorme qual desígnio de imprevisto destino.

Dir-se-ia mesmo num movimento telúrico a marcha, tal se viesse o mundo acabando.

Turco, o cão de guarda, farejava inquieto, dando uivos agourentos, prolongados... de terror.

Mellos e jagunços precipitaram-se para o pateo, indagando no horizonte: que acontecia?

E á retaguarda, qual de véspera no Brejo, a pouca distancia, o tragico toque de corneta respondia: — fogo!



Elles, então, sacodidos pela fatalidade de mortífera descarga de fuzilaria, attonitos e depois acordados de um pesado somno, tarde comprehenderam toda a extensão do perigo, correndo de roldão e entrando para as trincheiras.

Todos cercados!

E o páo rollára assim quasi ao entrar do sol.

Nem pensaram, nem disto tiveram mais tempo para reflectir e estava assignalada a queda da Covoanca.

Por um ataque simultaneo, magistralmente combinado e executado por João do Arrozal e seus companheiros alli na Covoanca haviam precedido duas horas antes, occupando os curraes falsos que, então, conhecia, tomando posição excellente de combate.

Como vimos, para o mesmo ponto dirigiram-se os jagunços que, sem nenhuma suspeita, colhidos de surpresa foram rechassados, recebidos sob mortífera descarga e á curta distancia de uma pontaria segura.

Desbaratadissimos!

A covoanca regorgitava de milhares de cabeças de gados recolhidas no saque ás fazendas devassadas.

Com o estrondo das armas succedera o mesmo que no Brejo: arrancou-se a boiama, não havendo cercas de páo a pique que a segurassem.

E uma trovoadade arrepiar fragorára intensamente por mais de uma hora, rasgando tormentosa a floresta virgem, convertendo em deserto e para sempre a vasta invernada da Covoanca.

Raros, e na fuga, os seus defensores, sendo o chefe delles, de alcunha – o cascavel – o primeiro a tombar na lucta.

## CAPÍTULO XXVIII

**E**mquanto isto, la pelo Bority o fogo cerrado recrudescu durante quatro horas, debaixo de imprecações brutaes de sitiantes e sitiados, esses últimos acosados no interior da casa por detraz de paredes perfuradas em torno.

Uma comprida e funda barroca, escoadouro das águas hibernaes, corria ao longo do quintal do fundo.

Esta posição estava indefesa, e agora, sumariamente occupada pela força publica, abrindo dalli um mortífero fogo.

Elles, os sitiados, esperavam o ataque pela frente e nem de leve pensavam em retaguarda.

De dentro da casa e dos subterrâneos esguichavam tiros; mas, as paredes de taipas eram vasadas pelas ballas de armas superiores e os combatentes, facilmente, tragicamente hiam tombado.

Os subterrâneos – ou antes furnas de criminosos astutos, totalmente perdidos, impróprios para a guerra.

Dava esses para as barrocas.

No momento em que foram occupadas, o intelligente commandante examinando-as, delas desconfiára, mandando entupir duas sahidas descobertas, como segura precaução.

E apertára o cerco.

Os occupantes dos fossos, obrigados a abandonal-os, refugiaram-se na casa.

Encurralados! A posição toda critica.

Atirando sem tática, e pior, sem resultado a munição foi-se escasseando.

Curta uma pausa das dez para as onze da noite.

Antes, porem, que de todo acabassem os recursos, os Mellos, em desespero de causa pelo numero de mortos e feridos, decidiram romper o cerco a ferro e fogo e abrir caminho com os seus antes do amanhecer.

Luar muito claro.

Os que aventuraram sair para o pateo, rigorosamente vigiado, mordiam a terra por mais ousados.

Vendo isto, outros recuavam.

— Entreguem-se como homens, e não morram como feras acoadas, senhores Mellos! Gritou-lhes o commandante.

— Commandante de borra e cachorros do governo, cumpram teus deveres. os Mellos morrem, mas, não se entregam! Responderam Quintino e Isalto.

E a fuzilaria recrudeceu tremenda pelas duas horas da madrugada.

— Sentido! Bradou o commandante; esta gente se enfraquece, e é bem capaz de tentar um novo rompimento. Ala da direita!... guarda o pateo! Ala da esquerda, cerrar!...

E o páo berrou violentíssimo.

Os sitiados, num supremo desespero, forçando portas e janellas precipitaram-se em massa para o pateo em desaballada carreira e em gritaria, ao mesmo tempo que uma tempestade de ballas varria-os sem misericórdia.

Os Mellos também fugiam; resistiram alguns instantes a descoberto, mas, varados fatalmente tombaram para sempre.

Na confusão do fogo e da fuga so um delles escapára – o Rodrigo – amparado por um colchão de painas e embrenhando-se nas mattas.

Presos vários jagunços.

Poucos os astutos que pouderam escapulir.

Amanhece.

É feito o saque, depois de relativo descanso para enterrar os mortos junto ao cruzeiro.

O commandante mandou apanhar possantes animaes na manga proxima e reservar dois cadáveres, os de Quintino e Isalto.

— Estes malcreados não se sepultarão aqui. Ata-os ás cordas destes cavallos e partamos.

João do Arrozal tivera noticias da victoria logo cedo e julgara desnecessário ir até o Bority, mandando um recado ao commandante que iria esperal-o em sua casa, passasse por lá e que sua victoria também fora completa.

## CAPÍTULO XXIX

**P**oucas perdas soffrera o pequeno exercito do Paracatú, sendo bem reduzido o numero de feridos.

Terminada a lucta, a tropa rumou para o sitio do João do Arrozal que a esperava já num delirio de aclamações.

Os dois valorosos commandantes, ternamente abraçados, irmanavam-se pela bravura no meio do geral contentamento.

Duas horas depois, ao entardecer, alli também chegavam os dois cadaveres arrastados, ás caudas dos cavallos, Isalto e Quintino.

Pedida a permissão para sepultal-os por alli, João do Arrozal terminantemente isto recusára.

— Meu amigo, senhor commandante, eu sei que é uma falta de caridade; mas, estes moços, como seus irmãos foram uns monstros em vida, uns perversos. Temos, como vê, alem de nossa residência um pequeno cemitério, onde estão as cinzas de meu pobre irmão, picado como bife e apanhado em um sacco no meio do campo.

Assassinado, meu commandante, traiçoeiramente por estes tigrés!

— Perdoa-me.

Não! Não posso nem devo consentir.

Elle morreu como inocente, e a terra de um innocente não se misturaria bem com os restos mortais de dois demonios.

Não os supporto.

E elle também, mesmo cinzas, não os supportaria. Aqui não! Meu commandante! Aqui não!

E as lagrimas em gottas foram-lhe caindo a quatro e quatro, violentíssimas pela recordação do martyrio inda fresco de seu irmão.

— O amigo tem toda a razão e muito nobres sentimentos, reconheço; mas onde os mandarei interrar?

— Um pouquinho mais, e encontrar-se-a a chapada. Lá meu commandante! Lá... soluçou ainda o Arrozal.

Commandante para os conductores:

— Soldados, para a chapada! Enterre-os lá!

E envolto na poeira da estrada, sumira-se aquelle apparatus funebre.

No dia seguinte o exercito triumphalmente entrara em Paracatú-de-Seis-Dedos.

Algum tempo depois, Rodrigo, não podendo sobreviver aos seus, apaixonado, suicidáva-se.

Dona Mariazinha e a filha caíram em extrema pobreza. Elas desapareceram em pouco tempo, contaminadas por doenças desconhecidas, no mais absoluto abandono.

Florencio e Alfredo, submetidos a processo, saíram absolvidos pelo jury.

Fim, Januária, 1 de Abril de 1936.

***PÓS-FACIO***

**Padre com alma de poeta: Frei Bertholdo Van der Mee,  
o prefaciador original de *Os Mellos***



*Frei Bertholdo van Der Mee*

Além da potência narrativa, a produção literária de Manoel Ambrósio permite também lançar luz sobre figuras históricas que, de um modo ou outro, tangenciam seus romances e contos. Há, especialmente, uma dezena de referências que a obra do escritor januarense consegue abarcar. São nomes que, circunscritos ao universo de referência do autor - o Médio São Francisco, não despertariam o interesse historiográfico comprometido com uma vista dos sertões a partir dos gabinetes e escritórios das metrópoles. É o caso do religioso carmelita *Bertholdo van Der Mee*, que prefaciou originalmente o romance *Os Mellos: jagunços e potentados no sertão do São Francisco*, publicado postumamente em 2018.

Só agora, por ocasião desta presente terceira edição do romance, é que vem à tona, diretamente dos alfarrábios ambrosianos, o prefácio escrito por van Der Mee em 13 de janeiro de 1941. Nesse texto, o frade reconhece o caráter míope das representações do sertões realizadas por "pseudo-sertanistas, que, commodamente instalados em seus apartamentos luxuosos nas capitais brasileiras, procuram envenenar a literatura contemporânea com histórias inverossímeis, produtos de uma imaginação doentia". Por esse motivo, reconhece Ambrósio como um "sertanista genuíno", um "espírito investigador", capaz de "pesquisas rigorosas" para aproximar-se bem perto "da tenacidade histórica dos fatos narrados" e, nesse aspecto, recorda o testemunho de muitos de seus paroquianos que atestaram a veracidade do terrível enredo recontado por Ambrósio. É pena que as fotografias de que o frei trata no seu texto não foram encontradas no arquivo do escritor.

O frade nasceu na cidade de Nimega, na Holanda, em 12 de maio de 1910 e foi batizado como Johannes Wilhelmus Van der Mee, embora tenha adotado o nome Bertholdo em seu ministério religioso. No Brasil, inicia sua vida pastoral na década de 1930, tendo passado por Itu - SP, Paracatu - MG, São Romão - MG, Vazante - MG e, finalmente, São José dos Campos - SP, servindo na Fazenda Cura d'Arns, pertencente à Ordem das Missionárias de Maria Imaculada, onde viria a falecer em 13 de abril de 1977, aos 67 anos, 43 deles como sacerdote<sup>6</sup>.

Manoel Ambrósio provavelmente conhecera o frei Bertholdo no início da década de 1930, período em que atuou em São Romão como professor e diretor escolar, encarregando-lhe de ler e prefaciá-lo o romance que tratava da contenda provocada pela violência dos potentados - a família Mello, gente poderosa que sustinha o poder econômico e político a partir do controle da justiça local.

Embora não fosse um legítimo da terra, o sacerdote atuou na mesma linha do escritor: buscou ser a voz do esquecido sertão sanfranciscano na ágora dos jornais cariocas. Foi isso que Bertholdo fez em 1941. Desceu o Rio São Francisco de vapor até Pirapora e rumou até a capital do país, Rio de Janeiro, indo bater à redação de um dos mais importantes periódicos da época. Aportou, então, na

---

<sup>6</sup> Revista Eclesiástica Brasileira, 1977, p. 643 - 644.



redação de *A Noite*, mesmo jornal no qual, em 1936, Ambrósio publicara seis contos inéditos (descobertos e revelados ao mundo por Francisco de Vasconcellos, em 1976). Ao jornal, o frade roga a ida de um médico ao paupérrimo município, assolado pela malária, não obstante avise aos possíveis interessados que a vida desse profissional naquelas terras seria tão austera quanto a de um carmelita descalço:

— Minha parochia é São Romão. Um município enorme, do tamanho da Holanda. Quinze mil almas, em todo elle. O lugar é bonito, o povo bom. Espiritualmente está sendo cuidado por mim e pelo meu companheiro de Missão, frei Miguel Jonkers. Mas materialmente, meu amigo... está um poço! Imagine que em todo o município não existe um posto médico, um recurso qualquer. Zona pobre, a malária alastra-se de uma forma desoladora. Como exigir que o povo de São Romão seja gente forte e sadia, devendo-se preciso que essa gente se cure, que essa gente produza? Aí está porque procuro a redação de A NOITE.(...) São Romão precisa de um médico. E eu venho pedir que A NOITE me auxilie nisso. Quero levar comigo um médico. Naturalmente, que elle não vai divertir-se, nem gozar a vida. Mas vai trabalhar, vai ser útil, vai prestar um bem ao Brasil e à humanidade. O médico que fôr a São Romão terá um papel parecido com o do missionário. Terá de andar a cavallo, vencendo distâncias, para aliviar as dores dos que sofrem, para curar a maleita dos "barranqueiros", que é como se chamam os habitantes da margem do S. Francisco. (...) Vim ao Rio para pedir esmolas. O nosso município é paupérrimo, não tem recursos. A sua população precisa de remédios, precisa principalmente de quinino. E quinino custa caro. O prelado das Missões, D. Elysen Van De Weyer, em Paracatu, concedeu-me licença para que viesse ao Rio angariar donativos para os meus paroquianos. Estou aqui há uma semana, no Convento do Carmo, na Lapa, e tenho conseguido alguma coisa, mas muito pouco para a obra que reclama São Romão. Se os homens de coração pudessem levar até o Convento uma esmola que fosse para os sertanejos de São Romão! Na minha ausência, lá está, na Lapa, Frei Leopoldo, que os atenderá. (...) O município de São Romão tem um prefeito excelente. É o Sr. Saint Clair Valladares. Ele tem feito tudo que está ao seu alcance para melhorar o município. Todos o são reconhecidos por isso. Mas toda a sua vontade ainda não basta para dar providência a certos casos. O que precisamos aqui é de um médico, de um posto de higiene. Isso sim. Assistência médico-social. Meu sonho é fundar, além disso, na cidade, um pequeno centro de diversões, um curso noturno, um clube de teatro, para que a ação social seja eficiente. Mas sem o médico, nosso trabalho é quase impossível. Por isso, estou pedindo um médico (A NOITE, 1941, p. 06).

Em 23 de março de 1941, o *Correio Paulistano* repercutiu o pedido do frei Van Der Mee ao jornal *A Noite*, agora não mais na clave da notícia, mas da crônica. Assinada por um redator identificado como J.C. e intitulada *Um rádio e um médico*,

o texto faz graça com a atitude inusitada do padre e com o fato de o município de São Romão ser uma paragem totalmente desconhecida do leitor paulista:

Frei Bertholdo veio de São Romão, como os velhos caciques domesticados, à procura de auxílios para a incorporação do lugar á civilização brasileira. Mas, lendo essa notícia nos jornaes, muita gente perguntava: — "Onde é São Romão?". Pensei que fosse em Matto Grosso ou Goyaz. Mas, vi depois que fica ao norte de Minas. É um vasto município — e frei Bertholdo affirma que é do tamanho da Hollanda: que tem, segundo uma enciclopédia, 33 mil kilometros quadrados. Mas o bom frade, que lá se aboletou como missionário, não se conforma que um município tão vasto, e relativamente tão próximo dos centros cultos, esteja isolado do mundo por falta de meios de comunicação — e quer supprir essa falta com dois elementos indispensáveis: um radio e um médico. Será tão difficil assim, obter uma coisa e outra? (CORREIO PAULISTANO, 1941, p. 04).

Além da falta de um médico, o público paulistano também fica sabendo que seus compatriotas são-romanenses estão alheios à vida nacional em razão da ausência de um mísero aparelho de rádio, tendo de se submeterem a "três semanas sem saber o que se passa nas artes, nas sciencias, nas industrias, no commercio, na vida social, na guerra". O cronista continua:

E frei Bertholdo pede às almas benfazejas que lhe façam a offerta de um rádio. Mas, esse rádio deve funcionar por meio de acumuladores — porque em São Romão não há eletricidade. É um pouco mais caro que um rádio commum — mas, que diabo!, não valerá a pena a uma fábrica de aparelhos mandar um delles a São Romão? Como se trata de caridade — pois a caridade não se limita a dar de comer e de beber a quem tem sede e fome, mas a cobrir quem lem frio e instruir os ignorantes — a imprensa há de apoiar a offerta com louvores: e a reclame fica permanente (CORREIO PAULISTANO, 1941, p. 04).

Em 15 de março de 1943, frei Bertholdo reaparece na imprensa, agora na seção de cartas da revista paulista *Chácaras e Quintaes*, repercutindo uma reportagem do número anterior, sobre o lobo-guará. O religioso discorreu a respeito da experiência com os lobos, no sertão: "Há mais de cinco anos que estou no extremo de Sertão são franciscano no norte do estado de Minas, onde o guará é encontrado com relativa frequência entre a rica fauna que povoava as imensas campinas que cobrem grande parte do território extenso do município de São

Romão” (VAN DER MEE, 1943, p.363). A empreitada, porém, não foi muito benfazeja para os animais, como testemunhou frei Van Der Mee à Revista:

Já duas vezes adquiri um belo exemplar de guará afim de manda-lo ao Instituto Butantan, do qual sou um humilde mas fervoroso colaborador. O primeiro exemplar era um macho de uns três a quatro meses de idade, que depois de seis meses de cativeiro morreu quasi repentinamente e de um modo verdadeiramente misterioso para mim. O segundo exemplar era uma bela fêmea, pegada na redondeza de São Romão. Também esta morreu há poucos dias depois de um mês de cativeiro. Ambos os animais manifestaram sempre um apetite voraz e uma valentia extraordinária, fatores que não deixavam suspeitar um desenlace tão rápido. A causa mortis constituiu um verdadeiro enigma para nós. Podeis pois calcular quanta satisfação a minha ao receber poucos dias depois o último número de CHA. E QUI. que num belo artigo do douto Laureano Dourado veio dissipar todas as dúvidas e explicar-me qual foi a causa provavel da morte de ambos os exemplares. Envio-vos uma fotografia de 'Fox', um belo macho de três a quatro meses de idade(VAN DER MEE, 1943, p. 363).



Lobo-guará criado por frei Bertholdo.

A última menção sobre o frei Van Der Mee, a que tivemos acesso, confere a ele uma nova faceta: a de caçador de vestígios históricos. Assim como Manoel Ambrósio, o religioso também fora dado a vasculhar os sertões em busca de indícios da passagem de figuras do passado colonial brasileiro em terras sanfranciscanas.

Trata-se, nesse caso, do paradeiro de Fernão Dias Pais Leme, bandeirante responsável pelo desbravamento do território mineiro e pelo morticínio dos povos originais que se seguiu. O texto, assinado por Alfredo d'E.Taunay (o Visconde de Taunay, autor de *Inocência*) e publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1951, faz referência a um telegrama publicado no Jornal *O Estado de Minas*, em janeiro de 1943, reportando a lenda de que os restos mortais de Pais Leme estavam depositados em São Romão. A origem desse relato foi o nosso intrépido frade.

Por mais que Taunay tenha posto a lenda por terra, argumentando em outra direção, esse telegrama mostra o interesse do frei Bertholdo no passado da região, colocando-o no mesmo patamar de Ambrósio, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e um atento pesquisador da história dos sertões.

Essa atenção não apenas às necessidades terrenas de paroquianos levou Antônio Vieira Barbosa a referir-se a ele como o vigário “com alma de poeta”. Em artigo dedicado a São Romão, incluído na sessão *Uma excursão de caça e pesca*, publicado na *Gazeta de Paraopeba*, em 12 de outubro de 1947, diz Barbosa sobre o frei: “O vigário frei Bertoldo, que tem alma de poeta, construiu uma aprazível vivenda de repouso, onde, ouvindo o terno piado das perdizes e as modulações das juritis amorosas, retempera as energias exigidas no exercício de seu sacrossanto ministério” (BARBOSA, 1947, p. 02).

Só tendo, portanto, alma de poeta para, assim como Manoel Ambrósio, compreender as belezas e os apelos do sertão sanfranciscano.

*Pedro Borges Pimenta Júnior,*

*professor e pesquisador da obra de Manoel Ambrósio.*

### **Referências:**

A NOITE, São Romão, município do tamanho da Holanda. **A Noite**. Edição 10420, 13 de fev. 1941, p. 06. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 6 jun. 2024

BARBOSA, Antônio Vieira. Uma excursão de caça e Pesca. **Gazeta de Paraopeba**, Ed. 2007, 12 out. 1947, Paraopeba - MG. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 06 jun. 2024.

CORREIO PAULISTANO. Um rádio e um médico. **Correio Paulistano**. Edição 26088, 23 mar. 1941, p. 04. São Paulo. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 06 jun. 2024.

REVISTA ECLESIAÍSTICA BRASILEIRA, Necrologia. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 37, n. 148, p. 819-831, 1977. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/3983>. Acesso em: 6 jun. 2024.

TAUNAY, Alfredo d'E. Antiquilhas de São Paulo. **Revista do IHGSP**, vol. 50, 1951, pag. 175 a 234. São Paulo. Disponível em: <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Vol-50.pdf>. Acesso em 06 jun. 2024.

VAN DER MEE, Bertholdo. Ainda o lobo guará ou lobo brasileiro. **Chácaras e Quintaes**, vol. 67, 15 mar. 1943. São Paulo. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 06 jun. 2024.



## *O Autor e sua Obra<sup>7</sup>*



*Era tão de carne-e-osso, que nele não poderia empessoar-se o cediço e fácil da pequena lenda. [Foi] denso, presente, almado, bom-condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente.*

*(João Guimarães Rosa)*

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira é, certamente, um modelo de intelectual do fim do século XIX, capaz de manejar diferentes saberes e ciências com maior ou menor erudição: atuou como jornalista, escritor, político, professor, historiador e folclorista, aventurando-se, embora amadoramente, em campos como a mineralogia e a espeleografia.

Para se ter uma dimensão desse ecletismo, há relatos, em pequenas notas de jornais cariocas dos anos 1920 e 1930, de que Ambrósio enviava a sociedades científicas da capital federal, pelos vapores, exemplares de minérios colhidos no Vale, na expectativa de que o solo de sua amada terra fosse tão benfazejo quanto a paisagem que tantas vezes cantou, em verso e prosa. No final da

---

<sup>7</sup> Nota dos organizadores: texto originalmente publicado nos anais do *I Seminário de Estudos Ambrosianos – escrever na margem, educar na berlinda*, evento realizado em agosto de 2021, na terra natal do autor.

década de 1930, o januarense figurou como personagem recorrente em uma série de reportagens que tratava das misteriosas minas de prata supostamente localizadas às margens do Rio São Francisco.

Outros relatos dão conta de seu envolvimento com a produção de látex na região.<sup>8</sup> Há, também, cartas remetidas a uma autoridade da capital mineira com representações das pinturas rupestres do Peruaçu, décadas antes de todo o interesse por esse importante sítio arqueológico.

Como jornalista, Ambrósio tentou tirar das sombras os abusos dos mandatários locais: expôs o superfaturamento das obras do cemitério de Januária, denunciou uma retumbante fraude nas eleições para o Senado, em 1903, fez campanha para a criação de colégio católico na cidade, e buscou educar o gosto do povo barranqueiro pela literatura, com a publicação, nas páginas do jornal *A Luz*, dos folhetins *Hercília* (depois editado em livro, em 1923 e republicado em 2021) e do inacabado (ao que parece) e enigmático *O chalé de Tonkin*, obra sobre a qual não se tem notícias.

Como historiador, o januarense tentou reconstruir os vestígios do passado colonial da região. Utilizou o seu jornal para publicar um *Esboço Histórico de Januária*, provavelmente recorrendo a documentos que, na sua época, ainda estavam disponíveis. Nesse texto, de 1903, Ambrósio destaca a existência de propriedades escravagistas nos arredores da cidade, por volta de 1860, localizadas no distrito de Brejo do Amparo.

Outros detalhes da trajetória do escritor ajudam a construir a imagem de um caçador de vestígios históricos para ele. Exemplo disso é a fotografia, achada em seu arquivo, do piso da suposta residência de D. Maria da Cruz ou, ainda, os relatos de que ele tencionava encontrar, na região de Manga - MG, as ruínas do “castelo do Calindó”, que teria pertencido ao bandeirante Manuel Nunes Viana, figura histórica que aparece como personagem do conto “A filha do general emboaba”, de Brasil Interior.

Essa busca de Ambrósio pelas ruínas é uma característica importante de sua obra ficcional. Em vários livros dele podemos observar o interesse pelas

---

<sup>8</sup> Nota do posfaciador: O PAIZ, 15 de janeiro de 1910, p. 2.



taperas em que se transformaram as casas-grandes, a lembrança de ermidas abandonadas, a decadência dos poderosos ou a menção às cruzeiras à beira do caminho, sinalizando a violência que grassava nos sertões.

O olhar de Ambrósio para o passado de seu querido Vale, nos faz recordar o anjo da história de que trata Walter Benjamin nas suas famosas teses sobre a História:

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1985, p.226).

Ambrósio olhava as ruínas, os vestígios, os fragmentos do passado para tentar entender a tempestade do progresso que se avizinhava do Médio São Francisco: vapores e telégrafo, por exemplo, são signos do paradoxo que a modernidade assumia nessas terras. Essa tensão está evidente tanto no horror que o apito do vapor *Rodrigo Silveira* causara na índia tapuia da região de São João das Missões, personagem do conto *O bicho-homem*, de *Brasil Interior* (1934), quanto nas possibilidades de contato com o mundo permitido por aquelas embarcações.

Também o telégrafo, apelidado no romance *Antônio Dó* (1976) de “a via-crucis universal”, tanto podia vomitar “as mais disparatadas invencionices do terror” quanto permitia que Ambrósio mandasse notícias das barrancas para o mundo, como quando denunciou aos leitores do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora - MG, a perseguição política que vinha sofrendo em Januária: “Na monarquia nada conseguira; na república, sempre tomada de dúvidas, de decepções provada e, não pode a nossa cidade progredir, graças a interesses inconfessáveis que tem servido para cavar a sua ruína” (OLIVEIRA, 1903, p.2).

É espantoso observar como a vida de Ambrósio tenha atravessado tantos episódios da vida nacional. Nascido em 1865, ano em que eclode a Guerra do Paraguai, ele tangenciou os estertores do Segundo Império, a promulgação da

Lei do Ventre Livre (1871), a ilusão da liberdade plena pelas mãos de Isabel, a República, a Guerra De Canudos, a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o apogeu e o declínio da navegação do Velho Chico, a ascensão de Vargas, os ciclos da seca e do banditismo nos sertões nordestino e mineiro.

Dono de uma significativa produção literária, sua obra mais conhecida é *Brasil Interior*: palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco (1934), em que tratou das várias faces do folclore regional. Por conta dessa obra, o autor ficou conhecido apenas como folclorista. Contudo, sua produção literária é muito mais ampla, fruto de uma versatilidade intelectual quase heroica, consideradas as condições em que viveu, escrevendo sempre da margem dos grandes centros.

Assim, da pena do escritor também saíram: *Hercília*: romance histórico (1923), *Os Laras*: no sertão dos guahybas, onde se fêz morrer caboclo como o diabo (1938), *A Ermida do Planalto*: novela regional (1945) e o livro de poesias *Paranapetinga* (1938). Postumamente, foram publicados os romances *Antônio Dó*: o bandoleiro das barrancas (1976) e *Os Mellos*: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco (2018). Resta inédito o livro *Brasil do Vale* (1909), além de contos, peças de teatro e outros escritos constantes do arquivo de família, cujos manuscritos só mais recentemente estão sendo escrutinados e trazidos a lume.

Nesses textos, Manoel Ambrósio abordou temas como a valorização do homem barranqueiro, a pujança da natureza ribeirinha, as relações sociais locais, os falares e o cotidiano sertanejos, propiciando a construção de uma cartografia ficcional a partir da qual se pode conhecer as diferentes identidades e paisagens existentes no Médio São Francisco, o sertão ambrosiano.

De fato, é adequado alargar as fronteiras das investidas intelectuais e ficcionais de Manoel Ambrósio para além de seu torrão natal. Uma leitura rápida de seus contos e romances e a análise dos diálogos que manteve com figuras como Nélon Coelho de Senna e com os jornais cariocas, especialmente nas décadas de 20 e 30, ajudam a construir a imagem de um homem vigilante tanto em relação aos apelos dos centros urbanos (especialmente o Rio de Janeiro) quanto ao burburinho dos sertões sanfranciscanos.

As obras do januarense são exímias, como já referido, em revelar os vestígios do passado colonial brasileiro nas terras sertanejas, remontando a episódios da história social dos “Gerais das Minas” e do Nordeste brasileiro a partir da ficcionalização de figuras e reviravoltas históricas. Nesse sentido, elas tratam, com maior ou menor ênfase, dos efeitos da escravização, dos ciclos econômicos e políticos que moldaram a região, das violentas expedições bandeirantes, da navegação do Rio São Francisco, dos povos indígenas que habitavam/habitam essas cercanias, entre outros temas.

Infelizmente, em vida, Manoel Ambrósio não obteve maior notoriedade, especialmente no campo literário. Olhando do presente, não é concebível que o escritor tenha sido esquecido, tamanha fora sua produção intelectual. Entretanto, quando se avalia a biografia do escritor, vêm à tona relatos sobre perseguição político-judicial e até mesmo sobre uma tentativa de assassinato, sofridas por Ambrósio. Isso ocorreu em virtude do papel combativo adotado por ele na política e na imprensa (ele editou *A Januária* e, posteriormente, *A Luz*, os primeiros jornais de Januária — MG, plataformas utilizadas para denunciar os desmandos e as mazelas da política dos coronéis e grandes fazendeiros locais).

A segunda razão para essa perseguição está latente nas principais obras de Ambrósio, especialmente nos romances *A Ermida do Planalto*, *Hercília*, *Os Laras*, *Os Mellos* e *Antônio Dó*, nos quais soube usar as palavras como arma contra a prepotência, a dissimulação e as injustiças. Por isso, o escritor sempre viveu sob ataque, escrevendo e educando o povo na berlinda. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para que a obra dele tenha caído no ostracismo.

**Pedro Borges Pimenta Júnior**

*Januária — MG, 11 de agosto de 2021.*

